



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Centro de Filosofia e Ciências Humanas

**Programa de Pós-Graduação em Psicologia**

**MITOS FAMILIARES E ESCOLHA PROFISSIONAL:  
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO FOCADA NA ESCOLHA PROFISSIONAL  
À LUZ DE CONCEITOS DA TEORIA SISTEMICA**

Mestranda: Karina Filomeno

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup>. Dulce Helena Penna Soares

Co-orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Aparecida Crepaldi

Linha de Pesquisa:

Práticas Sociais e Constituição do Sujeito

Florianópolis, 2003.



Karina Filomeno

MITOS FAMILIARES E ESCOLHA PROFISSIONAL:  
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO FOCADA NA ESCOLHA PROFISSIONAL  
À LUZ DE CONCEITOS DA TEORIA SISTEMICA

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação  
em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito  
parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia, sob a orientação  
da Prof<sup>a</sup>. Dra<sup>a</sup>. Dulce Helena Penna Soares e Co-orientação: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>

Maria Aparecida Crepaldi.

Florianópolis, junho de 2003.

## **Termo de Aprovação**

Karina Filomeno

MITOS FAMILIARES E ESCOLHA PROFISSIONAL:  
UMA PROPOSTA DE INTERVENÇÃO FOCADA NA ESCOLHA  
PROFISSIONAL, À LUZ DE CONCEITOS DA TEORIA SISTÊMICA.

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no curso de Pós-Graduação em Psicologia, Setor de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, pela seguinte banca examinadora:

**Orientador:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Dulce Helena Penna Soares.

Universidade Federal de Santa Catarina.

**Co-orientador:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Aparecida Crepaldi.

Universidade Federal de Santa Catarina.

**Membros:** Prof. Dr<sup>a</sup>. Carmen L. O. O. More.

Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr<sup>a</sup>. Rosa Maria S. Macedo.

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

## DEDICATÓRIA

À Ana Lúcia Coelho Pfitzer,  
que me “iniciou” na Teoria Sistêmica,  
que acompanhou todo meu processo de transformação,  
que me auxilia ser um “ser sistêmico”,  
que em todos os momentos me deu força, incentivo e apoio,  
e que não deixa de ser um pedacinho de todas as minhas conquistas e vitórias.

A ela devo não somente meu crescimento profissional,  
mas principalmente meu crescimento pessoal.

A ela também, todo meu reconhecimento e admiração,  
não somente por ser uma excelente profissional,  
mas por ser uma pessoa maravilhosa.

Pela sua eficiência, lucidez, clareza, profissionalismo,  
e pelas suas colocações sempre bem feitas, que me fizeram crescer muito,  
dedico todo meu esforço e empenho.

Obrigada!!!!

## AGRADECIMENTOS

Agradeço com alegria e prazer:

A minha família, pelo amor, carinho e pelos seus incalculáveis esforços para me proporcionar tudo que sou e tenho hoje.

A Renata Sá Fortes Régis Nogueira, minha amiga e colega de caminhada, por dividir as alegrias e preocupações da profissão.

A Dulce Helena Penna Soares, um exemplo a ser seguido.

Ao Iúri Novaes Luna, meu verdadeiro mestre em orientação profissional.

A Maria Aparecida Crepaldi, meu reconhecimento e admiração pelo seu profissionalismo e conhecimento em Terapia Familiar Sistêmica.

A Rute Coelho, pelo seu carinho e confiança no meu trabalho.

A equipe do Movimento: Telma, Maria Cristina, Letícia, pelos meus primeiros passos em Terapia Familiar Sistêmica.

E a todos que de alguma forma contribuíram para a realização deste sonho.

“Quero te agradecer, pela ajuda que você me proporcionou, nesses últimos meses. Cheguei no consultório sem saber o que faria no vestibular e hoje, tenho a certeza que fiz a escolha certa. No começo, estava tudo muito confuso, às vezes eu me imaginava fazendo medicina, depois queria direito, psicologia, na verdade eu não conhecia, nem sabia o que queria. Com nossos encontros, fui conhecendo as profissões, a mim mesma, a minha família, e assim pude fazer a melhor escolha. Agora eu conheço cada uma delas e sei o que faz, e me imagino fazendo enfermagem. Um curso que no começo pensei que não se encaixa no meu perfil. Conhecendo as profissões e o que faz uma enfermeira, hoje já me sinto uma, é como se eu estivesse cursando e feliz com que estou fazendo. Obrigada pela sua ajuda e pelo bom trabalho que desenvolveu comigo, agora estou feliz e decidida.

Beijos, Beatriz”. (Carta escrita pela participante)

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1. CAPÍTULO I - TÓPICOS EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL</b>	
<b>1.1. Orientação Profissional.....</b>	<b>15</b>
<b>1.2. O Jovem e a Escolha.....</b>	<b>23</b>
<b>1.3. Etapas do Processo de Escolha.....</b>	<b>29</b>
<b>1.4. Escolha Madura. Escolha Ajustada.....</b>	<b>31</b>
<b>2. CAPÍTULO II – QUESTÕES FAMILIARES</b>	
<b>2.1. A Família.....</b>	<b>33</b>
<b>2.2. A Influência da Família e a Escolha Profissional.....</b>	<b>40</b>
<b>3. CAPÍTULO III – MITO E MITO FAMILIAR</b>	
<b>3.1. O Mito.....</b>	<b>45</b>
<b>3.2. Mito Familiar.....</b>	<b>48</b>
<b>3.3. Mito e Escolha.....</b>	<b>60</b>
<b>3.4. Mitos Familiares e Orientação Profissional.....</b>	<b>61</b>
<b>4. CAPÍTULO IV – MÉTODO</b>	
<b>4.1. A pesquisa.....</b>	<b>66</b>
<b>4.2. Participante da pesquisa.....</b>	<b>68</b>

4.3. Estratégias de coleta de dados utilizados.....	68
4.4. Procedimento de coleta e análise dos dados.....	77
<b>5. CAPÍTULO V – RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS</b>	
5.1. Resultado e discussão dos dados.....	78
<b>6. CAPÍTULO VI – FINALIZANDO</b>	
6.1. Considerações finais.....	100
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>104</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>110</b>



## RESUMO

Este estudo tem como objetivo verificar de que maneira a escolha profissional é influenciada pelos mitos familiares. Caracterizou-se como sendo um estudo qualitativo tendo como referencial a Teoria Sistêmica, para análise dos mitos familiares e escolha profissional. Para isto, usou-se o método clínico que tem como procedimento o estudo de caso individual. Utilizou-se como instrumento principal a entrevista psicológica com duração de 13 encontros de uma hora cada um deles. A participante da pesquisa estava inscrita no Laboratório de Informação e Orientação Profissional (LIOP). Utilizou-se um conjunto de técnicas da Terapia Familiar Sistêmica e da Orientação Profissional. As principais técnicas utilizadas foram o genoprofissiograma (Soares, 1997), a entrevista trigeracional (Krom, 1994), a estrutura e o funcionamento familiar (Minuchin, 1990) e a informação profissional (Bohoslavsky, 1998). Essas técnicas serviram como estratégias para a coleta de dados. As entrevistas foram gravadas e as frases transcritas. A unidade de análise privilegiada foi a frase ou o conjunto de frases. A partir de então, os dados foram sistematizados em núcleos temáticos. Os resultados obtidos identificaram a presença do mito da ajuda e cuidado, o mito da propriedade rural, o mito da união e o mito da conquista, conforme Krom (2000). E estes, bem como a estrutura e o funcionamento familiar (Minuchin, 1990), influenciaram na escolha profissional da participante.

**PALAVRAS CHAVE:** mito familiar, escolha profissional, estrutura e funcionamento familiar.

## ABSTRACT

The purpose of this study is to establish the way the professional choice is influenced by the familial myths. It is characterized as a qualitative study having the Systemic Theory as a reference for the analysis of the familial myths and professional choice. For this purpose, the clinical method, where the procedure is based on the study of individual cases, has been used. The main instrument was the psychological interview, which took place during 13 one-hour meetings. The participant of this research was enrolled in the Information and Professional Orientation Laboratory (LIOP). A set of Systemic Familial Therapy and Professional Orientation techniques has been used. The main techniques applied were the genoprofessionogram (Soares, 1997), the trigeracional interview (Krom, 1994), the familial functioning and structure (Minuchin, 1990) and the professional information (Bohoslavsky, 1998). These techniques were the basis for the data survey. The interviews were recorded and the phrases transcribed. The privileged analysis unit was the phrase or the set of phrases. From that point the data was systematized in thematic nuclei. The results achieved identified the presence of the aid and care myth, the rural property myth, the union myth and the myth of conquest, according to Krom (2000). Both, these and the familial functioning and structure (Minuchin, 1990), affected the professional choice of the participant.

**KEY WORDS:** familial myth, professional choice, familial structure and functioning.

## INTRODUÇÃO

A orientação vocacional, como era chamada, surge no início do século XX. Até então, a cientificidade dos fatos só era comprovada através de elementos mensuráveis, bastando para isso a aplicação de determinados testes. Isto explica sua origem psicométrica. Por volta da década de 70, os psicólogos passaram a utilizar uma nova modalidade de trabalho - a modalidade clínica - trazida por Rodolfo Bohoslavsky. Essa utiliza como instrumento principal a entrevista e preocupa-se com a decisão pessoal do adolescente. Essa modalidade reestruturada apresenta um enfoque psicossocial e tem por objetivo facilitar o momento da escolha do jovem, auxiliando-o a compreender que sua escolha profissional está condicionada a multifatores sócio-político-econômico-familiares, os quais não podem ser ignorados no processo da escolha.

A esse processo dá-se o nome de orientação profissional. Nele, muitos fatores são levados em conta: um maior conhecimento de si; informações sobre as profissões, universidades e mercado de trabalho; expressão de sentimentos sobre este momento; integração da história pessoal com a escolha profissional; reflexão sobre o futuro, reflexões sobre questões familiares e sobre as expectativas dos pais.

Surge então um questionamento: a família influencia na escolha profissional?

Pode-se perceber claramente esta influência quando algumas vezes um dos pais verbaliza o desejo de que seu filho siga sua profissão, ou que escolha uma profissão que ele gostaria de ter realizado e não teve oportunidade, porque essa influência é explícita e direta. Contudo, existe uma influência implícita e indireta; pois é no ambiente familiar que a criança vai se formando e interiorizando conceitos e valores que, de geração a geração, a família possui e repassa a seus integrantes. Fica claro que esses conceitos e valores,

relacionados ou não com as concepções de trabalho, de estudo, de profissões também influenciam no momento da escolha profissional.

Estar atento à influência da família no momento em que o jovem escolhe a profissão é de extrema importância, pois a família é a base de desenvolvimento psicossocial do ser humano. A criança desde que nasce é lançada em um meio familiar, onde se estrutura, se constitui e se constrói enquanto indivíduo.

A partir desta perspectiva pretendeu-se estudar “**A influência dos mitos familiares na escolha profissional**”.

Entende-se por mitos familiares um conjunto de crenças, conceitos e valores absorvidos pela família. E esses aspectos mantêm a **estrutura e funcionamento familiar**, que são transmitidos através de gerações e são compartilhados por todos os membros. A expressão – estrutura e funcionamento - foi criada por Minuchin (1990), para designar os papéis familiares, implícitos e explícitos, que regem a família através de anos. É o que dá sentido à família: ditam regras, expectativas e padrões de conduta. O mito constitui, em sua essência, a própria concepção de mundo, da família, através da qual se cria a realidade familiar e o mapa do mundo individual.

Para Cervený (2001) **mito familiar** é uma narrativa construída pela família, que contém leituras da realidade e expressa convicções compartilhadas pelo grupo. Essa narrativa liga elementos dispersos como crenças, valores, tradições, transformando-se num conto organizado que serve como matriz de conhecimento. O mito familiar designa ainda as posições de cada um dentro do grupo e fornece modelos de conduta, conferindo significado e valor à existência.

Conforme Feinstein e Kripper (1992), o homem moderno não tem consciência do mito que vive em seu interior que o impulsiona de uma forma dinâmica em relação às

escolhas. Os mitos estruturam a consciência e apontam para a direção que se torna o caminho do indivíduo. Estão relacionados com o passado, presente e futuro, bem como a identidade e o propósito de vida do indivíduo. Exercem poderoso efeito sobre os sentimentos, pensamentos e atitudes, e são influenciados pelas experiências pessoais, sociais e familiares. Através dos mitos, interpreta-se o passado, compreende-se o presente e encontra-se orientação para o futuro. Apontam as mais amplas questões de identidade (“quem sou eu”), de direção (“para onde vou”) e de propósito de vida (“porque estou aqui”).

**Sendo assim, partiu-se do pressuposto que os mitos familiares influenciam na escolha da profissão – na escolha propriamente dita, no modo de exercê-la ou no significado desta – e o conhecimento destes mitos pode contribuir no processo de escolha profissional e proporcionar uma escolha mais madura e ajustada<sup>1</sup>.**

Krom (2000) esclareceu que o mito familiar, não necessariamente, interfere na escolha direta de um curso, mas no modo de exercer essa escolha. A partir de alguns mitos descritos (mito da propriedade, de luta, da ajuda e cuidado) é que o indivíduo realiza suas escolhas. Se a família possui o mito da ajuda e cuidado, o jovem pode optar por psicologia, serviço social, enfermagem, medicina, ou outra profissão que privilegie este aspecto ou por qualquer área que envolva ajuda e cuidado sem, necessariamente, alguém na família já exercer tal profissão.

---

<sup>1</sup> Este conceito de escolha madura e ajustada é utilizado por Bohoslavsky (1998). Definição no item (2.4) deste projeto.

O objetivo geral desta pesquisa foi o de:

- Verificar em que medida a escolha profissional é influenciada pelos mitos familiares.

E os objetivos específicos foram:

- Verificar se o conhecimento do mito familiar auxilia no processo de escolha profissional;
- Verificar se o conhecimento dos mitos familiares proporciona uma escolha mais madura e ajustada;
- Verificar se o conhecimento dos mitos familiares pode contribuir na resolução dos conflitos relacionados à escolha profissional.

# 1. CAPÍTULO I – TÓPICOS EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

## 1.1. Orientação Profissional

Embora o conceito de trabalho exista desde o início das sociedades, a possibilidade de escolhê-lo é um problema relativamente recente. Durante muitos séculos a ocupação de um indivíduo era determinada pelo clã, pela casta, camada social, ou família a qual pertencia. Os ofícios eram herdados.

O aumento significativo dos processos de industrialização no final do século XIX criou formas distintas de trabalho e novos ofícios. Surgiu, assim, no homem, a necessidade de escolher entre as diversas alternativas ocupacionais oferecidas pela nova realidade socioeconômica e, conseqüentemente, a necessidade de ser orientado para essa decisão.

Nasceu assim, em 1902, a psicologia vocacional, com a instalação do primeiro centro de orientação profissional em Munique, com o objetivo de identificar os indivíduos desprovidos de vocação e capacidade para determinadas tarefas. Após esse evento, muitos outros foram abertos em distintos países: França (1906), Suíça (1916), Inglaterra (1920).

Pode-se dividir a história da psicologia vocacional em duas partes: entre 1900 e 1950, e de 1950 até a atualidade. O primeiro período foi dominado pela psicometria e pela idéia de colocar o homem certo no lugar certo. O objetivo era acoplar as aptidões e interesses dos indivíduos às oportunidades profissionais. Muitos testes foram desenvolvidos para medir rigorosamente aptidões e interesses, determinando assim a escolha mais conveniente para o sujeito.

Neste momento deve-se fazer uma diferenciação entre aptidão, habilidade e interesse. *Aptidão* supõe-se que a pessoa já nasce com esta característica, é uma potencialidade, uma capacidade, uma destreza. É inato. *Habilidade* seria o desenvolvimento

das aptidões através de estudos. E, *interesse* é o mediador entre aptidão e habilidade. É o que move o indivíduo a ter habilidades. A relação seria, o indivíduo nasce com aptidões, possui interesses, procura cursos ou faculdades e então desenvolve habilidades, pois todas as pessoas possuem potencialidades iguais e cada um desenvolve diferentes habilidades devido seus interesses.

Neiva (1995) coloca que a teoria de traços e fatores resume a posição da psicologia vocacional nesse período em que o “determinismo vocacional” imperava. Ressalta que, durante essa fase, a psicologia vocacional esteve a serviço das grandes crises econômicas: a crise pós Revolução Industrial, a Primeira e Segunda Guerra Mundial e a grande crise econômica de 1929. Alguns teóricos desse período, entre outros, foram Parsons, que publicou em 1909 “Choosing a Vocation”, Strong – escreveu o “Inventário de interesses vocacionais” – e Hull, que idealizou a construção de uma máquina prognosticadora para prever o êxito de uma pessoa em diversas ocupações.

A partir de 1950 surgem várias teorias que direcionam a psicologia vocacional para novas interpretações do problema da escolha profissional. São agrupadas em três correntes teóricas: decisional, desenvolvimental e psicodinâmica.

A corrente decisional propõe o esquema de decisão seqüencial (Gelatt, 1962)<sup>2</sup>, em que uma série de decisões experimentais leva a uma decisão terminal. No decorrer do processo de decisão o indivíduo avalia as possibilidades que lhe são oferecidas, as conseqüências possíveis das decisões que ele pode tomar e a probabilidade de que essas conseqüências ocorram. Ao avaliar as decisões consideradas, o indivíduo fixa, finalmente,

---

<sup>2</sup> A data entre parênteses refere-se ao ano de publicação da primeira grande obra em relação ao assunto em questão.



sua decisão. Outros teóricos importantes dessa corrente foram: Hilton (1962), Hershenson e Roth (1966).

Dentro da corrente desenvolvimental estão os teóricos: Ginzberg (1952), Super (1953), Pelletier, Bujold e Noiseux (1979). A escolha profissional é considerada um processo de desenvolvimento que se inicia na infância, passa por vários estágios e se estende por um longo período da vida. Durante esses estágios o indivíduo vai fazendo uma série de vínculos entre suas necessidades e as oportunidades oferecidas pela realidade social em que vive. Nesse processo, é de extrema importância a formação e realização do conceito de si mesmo. O auto-conceito do indivíduo influencia suas aquisições e contribui essencialmente para sua escolha profissional e satisfação no trabalho.

Para as teorias psicodinâmicas, o fator mais significativo da escolha profissional está associado ao aspecto motivacional, ou seja, ao que impulsiona o indivíduo a comportar-se de uma maneira e, conseqüentemente, a escolher determinada profissão. Dentro desse grupo estão as teorias psicanalíticas. Os teóricos importantes desse período foram Meadow (1955), Bordin, Nachmann e Segall (1963) e Bohoslavsky (1977).

Segundo Bohoslavsky (1983) um ponto que marca esse segundo momento da orientação vocacional é a saída da universidade dos primeiros psicólogos argentinos, fortemente influenciados pela psicanálise, que teve grande papel no desenvolvimento da psicologia na Argentina. Isso estimula um interesse maior pela pessoa que escolhe: o modo como escolhe substitui o que ela escolhe. Trata-se, portanto, de *quem e como escolhe*.

Bohoslavsky torna-se um importante teórico nesta área. Introduz uma nova visão em orientação profissional – a estratégia clínica, caracterizada por entrevistas e informação profissional que substituem os testes – com a proposta de resgatar a singularidade da pessoa que escolhe e os multi fatores que influenciam no momento da escolha.

Resumidamente pode-se citar alguns pontos importantes que Bohoslavsky (1998, p.4) propôs em sua teoria – modalidade clínica:

1. O adolescente pode chegar a uma decisão se conseguir elaborar os conflitos e ansiedades que experimenta em relação ao seu futuro.
2. As carreiras e profissões requerem potencialidades que não são específicas. Portanto, não podem ser definidas a priori, nem muito menos ser medidas. Essas potencialidades não são estáticas, mas modificam-se no transcurso da vida, incluindo, por certo, o tempo de estudante e de profissional.
3. O prazer no estudo e na profissão depende do tipo de vínculo que se estabelece com eles. O vínculo depende da personalidade, que não é um a priori, mas define-se na ação. O interesse não é desconhecido pelo sujeito, mesmo que, possivelmente, o sejam os motivos que determinaram esse interesse específico<sup>3</sup>.
4. A realidade sociocultural muda incessantemente. Continuamente surgem novas carreiras, especializações e campos de trabalho. Por isso, conhecer a situação atual é importante, embora seja importante antecipar a situação futura. Ninguém pode prever o sucesso, a menos que seja entendido como a possibilidade de superar obstáculos com maturidade.
5. O adolescente deve desempenhar um papel ativo. A tarefa do psicólogo é esclarecer e informar. A ansiedade não deve ser amenizada, mas resolvida; e isso somente se o adolescente conseguiu elaborar os conflitos que os originaram.

---

<sup>3</sup> Bohoslavsky (1998, p.210) define interesse como: a disponibilidade para ser motivado por uma área da realidade de modo discriminativo em relação a outras.

Em contrapartida, os pontos importantes da modalidade estatística são (Bohoslavsky, 1998, p.4):

1. O adolescente, dado a dimensão e o tipo de conflito que enfrenta, não está em condições de chegar a uma decisão por si mesmo.
2. Cada carreira ou profissão requer aptidões específicas. Estas são definíveis a priori, mensuráveis e mais ou menos estáveis ao longo da vida.
3. A satisfação no estudo e na profissão depende do interesse que se tenha por eles. O interesse é específico, mensurável e desconhecido pelo sujeito.
4. As profissões não mudam. A realidade sociocultural, tampouco. Por isso, pode-se prever, conhecendo a situação atual, qual o desempenho futuro de quem hoje se ajusta, por suas aptidões, ao que hoje é determinada carreira ou profissão. Se o jovem tem as aptidões suficientes, não deverá enfrentar obstáculos. Poderá ter uma carreira bem-sucedida.
5. O psicólogo deve desempenhar um papel ativo, aconselhando o jovem. Deixar de fazê-lo aumenta indevidamente sua ansiedade quando, ao invés, ela deve ser diminuída.

A partir disso, surgem muitas teorias e recursos. A orientação profissional torna-se um processo científico afim de facilitar a escolha profissional. Não mais ocorre através da simples aplicação de um teste. A orientação profissional vinha sendo entendida como uma prática destinada geralmente a prestar assistência a jovens em situação de escolher alguma área de estudo, trabalho ou profissão.

Hoje existem, no Brasil, muitos estudiosos da orientação profissional - Soares (1987), Levenfus (1997), Lisboa (1997), Witaker (1985) - defendem a idéia de que a orientação profissional deve proporcionar ao jovem um maior conhecimento de si e

informações sobre as profissões, universidades e mercado, sobre a realidade do mundo de trabalho, reflexões sobre as expectativas dos pais, possibilitar expressão de sentimentos sobre aquele momento, além de abrir espaço para a reflexão sobre a relação entre história pessoal e escolha profissional.

Soares (2002) desenvolve e ressalta a importância de se trabalhar com os fatores externos (contexto sociopolítico-econômico), além do processo de tomada de consciência de si mesmo (autoconhecimento) e informação profissional, indo um pouco adiante em relação à proposta de Bohoslavsky, que parece ficar muito centrado no indivíduo. Propõe, então, a modalidade sociogrupal, com tais pressupostos:

1. O adolescente pode chegar a uma escolha mais esclarecida se conhecer as influências que sofre, sejam elas sociais, educacionais, econômicas, familiares ou psicológicas.
2. As carreiras requerem potencialidades diversas que podem ser desenvolvidas pelo sujeito, se ele tiver um profundo interesse em realizar aquele tipo de atividade.
3. O prazer no trabalho está ligado a um contexto familiar mais amplo, em que o jovem, ocupando um lugar na sua família, responde a desejos e expectativas familiares. Os interesses também estão ligados à vivências infantis e familiares, mais ou menos prazerosas. É importante conhecer essas vivências para poder relacioná-las com o presente.
4. A realidade socioeconômica tem mudado numa velocidade muito grande. É praticamente impossível prever como estará o desenvolvimento tecnológico e profissional daqui a cinco anos. Por isso a realidade ocupacional também é

imprevisível e cabe ao adolescente responsabilizar-se por sua escolha, sendo ela a melhor escolha possível para o momento.

5. O papel do psicólogo é de facilitador do processo e deve oferecer, a quem o procura, condições de autoconhecimento, assim como o mundo ocupacional, para enfim decidir-se com maior esclarecimento.

Com essas mudanças, surge também o conceito de orientação profissional ao invés de orientação vocacional, ou ocupacional. Na orientação vocacional, supõe-se que exista uma vocação, que pode ser descoberta a qualquer momento por alguém capacitado. Vocação significa ser chamado, isto é, algo ou alguém chama para determinado caminho à profissão.

O termo orientação ocupacional é menos utilizado. E, conforme Soares (2002, p.119), tal confusão de nomenclatura se estabelece principalmente em razão das traduções. Quando os textos são de autores americanos e ingleses, em geral, a tradução adota o vocábulo vocacional; quando franceses, profissional e quando argentinos, ocupacional.

Levenfus (1997) classifica orientação profissional para trabalhos que se limitam a informar e orientar a respeito das profissões, sem enfatizar as questões intrapsíquicas do jovem. E orientação vocacional ocupacional, um processo mais abrangente, que inclui o autoconhecimento.

Bohoslavsky (1998) diferencia identidade vocacional de identidade ocupacional. A identidade vocacional estaria determinada pelos conflitos inconscientes e sua possível elaboração pelo sujeito. “Porque”, “para que” e “como” uma pessoa chega a escolher determinada profissão. E a identidade ocupacional é adquirida quando um sujeito escolhe o que fazer, de que modo e em que contexto. Ela inclui um, “com que”, um “como”, um

“onde”, um “quando” e um “à maneira de quem”. A identidade ocupacional é determinada pela identidade vocacional.

Para este trabalho optou-se utilizar o termo orientação profissional, pois se refere a uma orientabilidade possível, isto é, profissionais capacitados com instrumentos adequados, interagem com os jovens, co-participando do processo. Grande parte das teorias de orientação profissional, colocam o profissional apenas como um orientador, portanto a proposta é trazer a idéia de um profissional que seja co-construtor e co-participador do processo, afim de auxiliar na construção da escolha profissional. Inclui neste processo tanto a **informação profissional**, quanto questões de **autoconhecimento, reflexões sobre o futuro e questões familiares**.

A proposta de orientação profissional aqui desenvolvida é a integração das vertentes intrapsíquica de Bohoslavsky (1998) e a sociogrupal de Soares (2002). Trazendo questões intrínsecas e extrínsecas, ao se trabalhar com ansiedades, defesas, mitos familiares, estrutura e o funcionamento familiar e influências recebidas neste momento de escolha. Seguem os pressupostos:

1. O adolescente pode chegar a uma decisão se conseguir elaborar seus conflitos, ansiedades e associar com as influências recebidas: mercado de trabalho, retorno financeiro, índice candidato-vaga do vestibular, família, profissões que estão na moda, atividades que poderia desempenhar por lazer X atividades que desempenharia profissionalmente, preconceitos sobre as profissões e o próprio processo terapêutico.

2. As carreiras não são estáticas, se modificam ao longo dos anos. E o jovem também vai modificando-se e modifica as relações de trabalho.

3. O prazer no trabalho depende das suas atribuições, dos interesses pessoais, do contexto familiar e social que o jovem ocupa.

4. A realidade sócio cultural muda incessantemente. Surgem novas carreiras, especializações e campos de trabalho. Com isso o jovem vai realizando novas escolhas dentro da grande escolha – a profissão – de acordo com as novas demandas e possibilidades do mercado e seus interesses.

5. O adolescente e o terapeuta devem desempenhar um papel ativo – cada qual com as suas responsabilidades – porque os dois irão construir juntos uma melhor possibilidade de escolha profissional, de acordo com seus interesses, influências recebidas e contexto familiar.

Apesar do desenvolvimento de novas teorias na área de orientação profissional, observou-se poucos trabalhos, no Brasil, que explorem e trabalhem as questões familiares no processo de orientação profissional (Dias, 1995, Soares, 1996, Gabel, 2002).

## **1.2. O Jovem e a Escolha**

Quem procura a Orientação Profissional, geralmente, são adolescentes que, em determinado momento de sua vida enfrentam a possibilidade e a necessidade de tomar decisões, o que faz da escolha profissional um momento crítico de mudança na vida dos indivíduos. Do modo como eles enfrentam e elaboram essas mudanças, dependerá sua vida futura.

A escolha profissional não é uma escolha isolada, mas um processo contínuo, composto de uma série de decisões tomadas ao longo de vários anos da vida. Escolher uma profissão não é somente decidir o que fazer mas, principalmente, decidir quem ser. Escolher uma ocupação é escolher um estilo de vida, um modo de viver. Raramente os adolescentes se dão conta de que essa decisão abrange muito mais que um simples título: enfermeiro, engenheiro, administrador. Quando escolhe-se uma ocupação, escolhe-se não

apenas um curso, ou só uma atividade de trabalho, mas também o tipo de lugar onde se trabalhará, a rotina diária a qual se vai estar sujeito, o ambiente de trabalho do qual se fará parte, os companheiros de trabalho com os quais se relacionará, os retornos que se poderá obter: salários, prestígio, promoção. Escolhe-se a vida.

Segundo Ungrich (1986, p.12) a escolha da profissão é um ato importantíssimo para o indivíduo. Supera em importância qualquer outra decisão, pois abrange ao mesmo tempo o ambiente de vida, as possibilidades de desenvolvimento, as circunstâncias materiais, as futuras circunstâncias familiares, a dependência ou independência profissional, a posição social. A profissão é base do bem-estar e a fonte principal de felicidade, ou infelicidade. A escolha da profissão é a escolha da própria vida.

Portanto, quem escolhe não está escolhendo somente a carreira. Está escolhendo “com o que” trabalhar, está definindo “para que” fazê-lo, está pensando num sentido para sua vida, está escolhendo um “como”, delimitando um “quando” e “onde” (...) Está definindo quem vai ser, ou seja, está escolhendo um papel adulto e, para fazê-lo, não pode se basear noutra coisa que não o “quem” é. (Bohoslavsky, 1998, p. 56).

Segundo Bohoslavsky (1998), ao escolher o jovem está estabelecendo quem deixa de ser, está escolhendo deixar de ser adolescente, de ser outro profissional, está optando por deixar objetos. Na medida em que escolhe, deixa. Escolher implica em deixar coisas para



trás, implica ganhos e perdas e este é um dos motivos para se dizer que a escolha da profissão supõe conflitos, gera ansiedade e pressupõe a elaboração de lutos.

Escolher é algo que implica em renunciar a certas coisas. Conforme Ramos e Rodrigues (1997) “Escolher qualquer coisa significa priorizar. Toda escolha implica em riscos também, pois envolve perdas e ganhos. Perdas das opções que foram preteridas e ganhos pela escolha que priorizou”. (p.79)

Deixam-se objetos e formas de ser. Por isso a escolha da carreira sempre supõe, a elaboração de lutos. O adolescente está prestes a deixar - ou já deixou - a escola secundária, o paraíso da infância, a perda do corpo infantil, a imagem ideal dos pais, as fantasias onipotentes, os professores, outras carreiras, entre outros. Para Bohoslavsky, 1998, “Talvez o problema de orientação vocacional do adolescente esteja mais vinculado a tudo que tem que deixar do que ao que tem que tomar”. (p.43).

Levenfus (1997) traça um paralelo entre os lutos básicos da adolescência e lutos que emergem em face da escolha profissional.

1. Luto pelas perdas profissionais fantasiadas – refere-se à necessidade do jovem lidar com as exigências reais que as profissões requerem, confrontando-se com as fantasias infantis.
2. Luto pela perda dos pais da infância – refere-se à nova maneira que os filhos passam a ver seus pais, percebendo-os com seus limites e falhas. Deixam de existir aqueles pais idealizados na infância como perfeitos.
3. Luto pelo corpo adolescente – depois de perceber as transformações corporais ocorridas na saída da infância, o adolescente deve confrontar-se com as transformações que o corpo sofre, muitas vezes não sendo aquela que imaginava ser.

4. Luto pelas identificações profissionais que abandona – quando se escolhe alguma profissão, deixam-se outras de lado. Algumas vezes as atividades realizadas como hobby ajudam no processo de reparação dessas perdas.
5. Luto pelo papel e identidade adolescente – observado no final da adolescência, diz respeito ao sentimento de perda da situação juvenil perante expectativas sociais de vir a comportar-se enquanto adulto, passando a assumir responsabilidades e compromissos maiores.

Além dos lutos que o jovem precisa elaborar, a escolha da profissão implica uma dimensão temporal (Soares, 2002) e necessita, para isso, de uma integração dos três tempos: passado, presente e futuro. Escolher o que se quer ser no futuro implica reconhecer o que fomos, as influências sofridas na infância, os fatos mais marcantes em nossa vida. A percepção dessa dimensão se dá quando o jovem reconhece quem foi e quem é, para poder projetar, num tempo futuro, quem será. Segundo Elliot, in Carter e McGoldrick (1995) “O tempo presente e o tempo passado. Talvez estejam, ambos, presentes no tempo futuro. E o tempo futuro, contido no tempo passado”. (p.7)

Escolher também implica em enfrentar alguns medos: medo de errar, de fracassar, de ter que mudar. Cada decisão tomada reduz um pouco a possibilidade de mudança. O jovem pode mudar, mas ele sente esse tempo como perdido e, muitas vezes, acaba seguindo esse caminho para o resto da vida. Nessas situações, mesmo sendo difícil mudar, a mudança seria bem melhor. Há medo também de escolher o que gosta (Bohoslavsky, 1998), por sentir que isso implica um abandono das expectativas dos pais.

Escolher uma profissão ainda significa integrar o que se quer fazer profissionalmente e o que se pode deixar para fazer como lazer. Muitas vezes a confusão

ocorre, pois o jovem diz gostar de artes, de esporte, de cuidar da sua alimentação, do seu bem-estar, mas não sabe se realizaria essas atividades como profissão.

A escolha também pode ocorrer por identificações que o indivíduo estabelece ao longo da vida. Quem escolhe é um adolescente que está em busca da sua identidade, está em fase de transição. A adolescência é caracterizada como um período de crise, transição, adaptação e ajustamento. São mudanças que ocorrem na passagem da infância à idade adulta para as quais o indivíduo deve encontrar diferentes modos de adaptação. De um lado seus interesses de criança, de outro as responsabilidades da escolha de uma profissão, de passar no vestibular. Nessa fase sua relação com o mundo é marcada por insegurança e medos. Ele mostra-se muito idealista: imagina-se poderoso e que realizará tarefas que irão mudar o mundo, mudar a sociedade e poderá fazer com que a felicidade exista.

Vínculos positivos com pessoas que desempenham determinados papéis profissionais levam o adolescente a querer ser como elas. Vê-se, como exemplo, o adolescente que quer ser médico como o tio ao qual é muito ligado. As figuras parentais são fonte importante de identificação. É muito comum o filho que, identificado com o pai, querer seguir a mesma profissão.

Bohoslavsky (1998), pontua algumas identificações:

1. A gênese do ideal do ego – as relações, gratificantes ou frustradoras, com pessoas que desempenham papéis sociais – parentes, amigos, outros – com as quais a criança se identifica, consciente ou inconscientemente, tendem a pautar o tipo de relação com o mundo adulto, em termos de ocupações. As ocupações são sempre consideradas em relação às pessoas que exercem e jamais gozam de neutralidade afetiva. O “eu queria ser” das crianças é sempre um eu queria ser como fulano, que possui estas ou aquelas virtudes.

2. Identificações com o grupo familiar. Deve-se considerar dois aspectos neste caso, a percepção valorativa que o grupo familiar tem a respeito das ocupações e a própria problemática vocacional dos membros do grupo familiar.

No primeiro caso o grupo familiar constitui o grupo de participação e de referência fundamental, e é por isso que os valores desse grupo constituem bases significativas na orientação do adolescente, quer a família atue como grupo positivo de referência, quer opere como grupo negativo de referência.

Já no segundo caso, as satisfações ou insatisfações dos pais e dos outros familiares significativos exercem um papel importante quanto às influências que, desde criança, o adolescente recebe em seu lar.

3. Identificações com grupos de pares – atua da mesma forma que o grupo familiar. Mas, a diferença com aquele, é que nunca é tomado como grupo de referência negativo. É alguém que o jovem escolhe para “seguir junto”, como modelo.
4. Identificações sexuais – há ocupações mais ou menos masculinas ou femininas e o adolescente integra esta valoração em sua identidade ocupacional.

As influências, sejam elas implícitas ou sutis, de identificações ou não, existem e devem ser consideradas. É importante que sejam conscientes, pois conhecendo-as, o indivíduo pode utilizá-las de forma positiva e construtiva, selecionando-as e adequando-as aos seus próprios desejos e valores. Não se pode deixar de falar também dos fatores determinante na escolha, descrito por Soares (2002).

1. Fatores políticos: referem-se especialmente à política governamental e seu posicionamento perante a educação.

2. Fatores econômicos: referem-se ao mercado de trabalho, ao retorno financeiro, às profissões “da moda”, à falta de oportunidades de emprego e a todas as conseqüências do sistema capitalista no qual se vive.
3. Fatores sociais: refere-se à divisão da sociedade em classes sociais e em conseqüência à desigualdade no acesso às universidades, às diferenças de oportunidades e realidades influenciando na escolha. Também se refere à busca da ascensão social por meio do estudo de um curso superior, além do prestígio que algumas profissões possibilitam.
4. Fatores educacionais: dizem respeito ao sistema de ensino brasileiro, à falta de investimento do poder público na educação.
5. Fatores familiares: compreendem, entre outros, as expectativas familiares diante das escolhas profissionais dos filhos.
6. Fatores psicológicos: dizem respeito aos interesses, às motivações, às habilidades e às competências pessoais.

### **1.3. Etapas do Processo de Escolha**

Segundo Neiva (1995) para melhor compreender o processo de escolha, pode-se dividi-lo em etapas:

1. Etapa de escolhas fantasiosas: este período, que em geral vai dos 4 aos 10/11 anos, está ligado às primeiras identificações. Ele é regido pela fantasia, através da qual a criança assume distintos papéis. Ela pode ser o médico ou o paciente, o professor ou o aluno. Ao desempenhar, distintos papéis, em seus jogos, a criança copia formas de comportamentos observadas nos outros, principalmente nas figuras de identificação. Assim, ela vai, elaborando sua auto-imagem em termos profissionais.

2. Etapa de escolhas-tentativas: este período vai dos 10/11 aos 16/17 e divide-se em três estágios: *a. interesses* - nesta fase a escolha adolescente baseia-se quase que exclusivamente no que ele gosta, no que lhe interessa; *b. capacidades* - aqui o adolescente introduz a noção de habilidades nas considerações vocacionais. *c. valores* - neste estágio o adolescente incorpora a idéia do serviço à sociedade e desenvolve a perspectiva temporal que lhe permite antecipar o futuro, especialmente no que diz respeito às satisfações e dificuldades inerentes ao exercício de uma determinada ocupação. Nessa segunda etapa as escolhas são tentativas.
3. Etapa de escolha realista: à medida que os conflitos inerentes à crise da adolescência vão se resolvendo e que a auto-imagem vai se estruturando em bases mais sólidas, o adolescente abandona a fase de escolhas-tentativas e enfrenta a necessidade de tomar decisões imediatas, concretas e realistas sobre o futuro profissional. A duração desta etapa é variável, mas em geral vai dos 18 aos 24, e também é composta por três estágios: *a. exploração* - o adolescente seleciona, entre as várias opções, aquelas que lhe interessam realmente, revisa decisões passadas, compreende a importância da decisão e assume-a como própria. *b. cristalização* - o adolescente analisa os diversos fatores que influenciam na escolha. Por exemplo: interesses, habilidades, mercado. *c. especificação* - esta é a fase de delimitação da escolha, do início dos estudos, da seleção de emprego ou de uma área de especialização.

Outras etapas podem ser consideradas na idade adulta: experiência (25-30 anos), estabilização (31-44 anos), maturidade (45-64), enfraquecimento (65-70) e aposentadoria (71 em diante).

#### **1.4. Escolha Madura. Escolha Ajustada.**

Bohoslavsky (1998) refere-se a escolhas maduras e ajustadas. Uma escolha madura depende da elaboração dos conflitos e não de sua negação. É uma escolha que se baseia na possibilidade do adolescente passar, de um uso defensivo das identificações a um uso instrumental das mesmas, ao conseguir identificar-se com seus próprios gostos, interesses, aspirações e identificar o mundo exterior, as profissões, as ocupações. Uma escolha madura depende da identificação consigo mesmo. Numa escolha ajustada o autocontrole permite que o adolescente faça coincidir seus gostos e capacidades com as oportunidades exteriores.

A diferença fundamental entre uma escolha madura e uma má escolha é que esta última é uma escolha conflitiva. Os conflitos não são elaborados e resolvidos, mas controlados e negados. Não se examina o mundo interior, mas adia-se seu exame.

Ainda segundo mesmo autor, em síntese, uma escolha ajustada:

1. É uma escolha que se faz com aquilo que se pode e o que não se pode, mas sem que se tenha superado, contudo, o conflito que tal conhecimento supõe.
2. Proporciona ao adolescente uma profissão, quando coincidem seus interesses com a realidade que essa carreira lhe oferece, ao mesmo tempo em que suas condições pessoais tornam-no apto para exercê-la.
3. Pode ser o desenlace de uma situação problemática.

Neste capítulo, discutiu-se o que é a orientação profissional, seus pressupostos, como tem se realizado, o jovem e a escolha, quais os fatores que interferem na escolha e como intervir para que a escolha possa ser madura e ajustada.

E a participação da família no processo de escolha profissional, como acontece? É importante conhecer a dinâmica da família para compreender e orientar a escolha do jovem? O próximo capítulo refere-se às questões familiares.



## **2. CAPÍTULO II – QUESTÕES FAMILIARES**

### **2.1. A Família**

A família é uma das instituições mais antigas estabelecidas na sociedade. Entende-se por família um grupo de indivíduos que mantêm laços consangüíneos, voltados para a criação, socialização e educação dos filhos, cujas relações são permeadas por afetos e sentimentos. Assumem função de proteção e transmitem aos membros seus próprios padrões de funcionamento e, ainda, padrões culturais da sociedade que fazem parte.

Segundo Ariès (1981) na Idade Média e começo da Idade Moderna, a criança logo passava a conviver com os adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. De criancinha pequena ela transformava-se imediatamente em homem jovem, sem passar pelas etapas da juventude. A transmissão dos valores e dos conhecimentos – e de modo mais geral, a socialização da criança –, não eram, portanto, asseguradas ou controladas pela família. A criança afastava-se logo de seus pais e, pode-se dizer, que durante séculos a educação foi garantida pela aprendizagem, graças à convivência da criança ou do jovem com os adultos. A criança aprendia as coisas que devia saber ajudando os adultos a fazê-las. A família tinha por missão a conservação dos bens e da vida, porém num enfoque coletivo. Não se conhecia a intimidade, a sensibilidade e o sentimento pela família.

No início dos tempos modernos ocorreu um grande movimento de moralização promovido pela religião. A família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos, papel que antes não lhe cabia. Um novo sentimento de família e de infância havia surgido. Essa afeição expressiu-se, sobretudo, através da importância que se passou a atribuir à educação. A escola substituiu a aprendizagem como

meio de educação: a criança deixou de se misturar com adultos e começou a freqüentar a escola.

Conforme Boltanski (1977) a educação das mulheres em 1880, em todas as escolas primárias, compreendia programas de economia doméstica, ou seja, ensinamentos de cuidados para a casa, tais como: costura, cozinha, arrumação de casa, higiene, puericultura<sup>4</sup>, lavação, arrumação de roupas. O plano de estudo das primeiras escolas de menina se diferenciava das escolas dos meninos e era original em diversos aspectos. Efetivamente os colégios de meninas até 1925 não preparavam as alunas para a faculdade, mas lhes outorgava ao fim do quinto ano um diploma de fim de estudos. Os programas de cultura geral – ditos masculinos – foram condensados para dar lugar aos programas de economia doméstica, higiene e puericultura. Foi substituído o estudo de línguas pela leitura de romances clássicos e os programas de matemática e ciências foram reduzidos. O papel da educação masculina dispensava conhecimentos necessários para a prática da vida cotidiana e educava para uma vida conforme a moral e a razão com ordem e disciplina.

Ainda conforme autor citado, foi principalmente por meio dos programas de economia doméstica que a escola tentou cumprir sua missão, porque seria mais fácil e mais útil domesticar a mulher: assim a mulher é tida como naturalmente mais doce e mais fácil de convencer, sendo menos sujeita a exercer violência física e rebeliões intelectuais. Uma mulher era vista como naturalmente uma educadora e uma médica.

Já em torno do século XIX os programas escolares femininos mesclavam conhecimentos culturais e programas de economia doméstica. Nos tempos atuais raramente encontra-se este tipo de programa nas escolas.

---

<sup>4</sup> Arte de assegurar o perfeito desenvolvimento físico, mental e moral da criança, desde a gestação até a puberdade. (Aurélio, 1977, p.391)

Partindo para uma perspectiva sistêmica, Andolfi (1996), define família como um **sistema** em interação. A família é como um sistema entre sistemas. Três aspectos são úteis para compreender a família como sistema interativo:

- a) a família é como um sistema em constante transformação ou, que se adapta às diferentes exigências das diversas fases do seu ciclo de desenvolvimento, assim como às mudanças nas solicitações sociais, com o fim de assegurar continuidade e crescimento a seus membros.
- b) a família é como um sistema ativo auto-regulado por regras, desenvolvidas e modificadas conforme demandas externas e internas ao sistema familiar.
- c) a família é como um **sistema aberto** em interação com outros sistemas. Isto significa que as relações interfamiliares são observadas numa reação dialética com o conjunto das relações sociais: condicionam-nos e, por sua vez, são condicionadas pelas normas e pelos valores da sociedade. Conforme Miermont, (1994, p.363) sistema aberto, é aquele que estabelece trocas com o meio onde está inserido. Supõe um intercâmbio de matéria, de energia e de informação com o meio ambiente.

Segundo Capra (1999, p.39) **sistema** significa um todo integrado, cujas propriedades essenciais surgem das relações entre suas partes, é a compreensão de um fenômeno dentro do contexto de um todo maior. O significado raiz da palavra “sistema”, que deriva do grego synhistanai, é colocar junto. Entender as coisas sistemicamente significa, literalmente, colocá-las dentro de um contexto, estabelecer a natureza das relações.

Pensando a família como um sistema, pode-se citar Cerveny (2001). Para esta autora, o grupo familiar é visto como um conjunto que funciona como uma totalidade e no

qual as particularidades dos membros não bastam para explicar o comportamento de todos os outros membros. O comportamento de cada um dos membros é interdependente do comportamento dos outros. Assim, a análise de uma família não é a soma das análises de seus membros individuais. Os sistemas interpessoais, como a família, podem ser encarados como um circuito, dado que o comportamento de cada pessoa afeta e é afetado pelo comportamento de cada uma das outras pessoas.

O **sistema familiar** conforme Miermont (1994) é um conjunto de pessoas com características comuns e ligadas por interações específicas, com laços de consangüinidade. Compartilha uma identidade, transmite um sobrenome e tem projetos que deixam transparecer um “espírito” em comum, incluindo certas idéias, mitos e crenças. Cada pessoa influencia os outros membros e é influenciada por eles.

Conforme Minuchin (1990), é inerente à condição humana que o homem se organize em grupos para sobreviver. O homem tem sobrevivido em diferentes sociedades, com diferentes culturas, cada uma delas com sua organização e diferenciação. A menor unidade da sociedade é a família. E, independente da cultura estabelecida, a família dá aos seus membros o cunho da individualidade; é a matriz de identidade. Cada família estabelece uma **estrutura familiar**, um conjunto de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem. Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais. Transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar, e estes padrões mantêm o sistema.

As famílias tendem a se repetir e o que sucedeu numa geração tenderá a aparecer nas gerações subseqüentes, ainda que de forma diferente. Sua hipótese é que os modelos interacionais e vinculares em uma geração podem fornecer modelos

implícitos para o funcionamento familiar na geração posterior. Modelos interacionais e vinculares, no sentido de relação e vínculo. Pessoas que convivem num mesmo espaço, se relacionam e criam um vínculo, mantendo relações significativas. Relações significativas são as relações de interdependência entre os vários subsistemas da família. As relações podem continuar sendo significativas mesmo sem conviver no mesmo espaço, estas perpetuam-se através do mitos, que irei explicar posteriormente. (Bowen, 1978, p.45)

Contudo, não se está falando apenas nos modelos paternos: as repetições aparecem, incluindo gerações passadas, entre avós e bisavós.

Elkaim (2000) afirma que, independente da singularidade ou especificidade de cada família em como transmitir e elaborar seus modelos, não existe dúvida sobre a transmissão dos mesmos. Seria possível afirmar categoricamente que toda família transmite seus modelos, mesmo aquelas que cuidam muito para não o fazer.

Conforme Cerveny (2001), existem sistemas familiares em que os padrões são repetidos exatamente como se deram no passado e, pode assim, em muitos casos, não haver a percepção da repetição. Em outros sistemas aparece a repetição de forma camuflada e quase que irreconhecível para o sistema atual. Outras vezes, a repetição dos modelos faz-se pelo seu oposto, ou seja, os modelos rejeitados pelo sistema familiar podem ser repetidos; segue-se, então, um antimodelo. A adoção do antimodelo é tão forte quanto a adoção do próprio modelo, pois de qualquer forma esse continua sendo a referência.

Cabe ainda aqui definir as várias categorias de família que se utilizou, conforme Cerveny (2001, p.21). **Família de origem (FO)**, **família extensa (FE)**, **família nuclear (FN)**, **família atual (FA)** e **família substituta (FS)**.

1. família de origem: está ligada aos conceitos de ascendência e descendência, pressupõe laços sanguíneos. Assim, a família de origem de um indivíduo inclui seus pais e os pais desses.
2. família extensa: a família extensa pode ser vertical com três ou mais gerações, ou lateral, pela adoção de outras unidades nucleares. Família extensa pressupõe parentesco sanguíneo, ou por afinidade, de pessoas ligadas entre si no tempo e no espaço e que se articulam com o presente.
3. família nuclear: é uma unidade coletiva composta de pais e filhos, desenvolvida a partir de um relacionamento biológico. É formada por cônjuges em um primeiro casamento com seus filhos biológicos.
4. família atual: é a família na qual as pessoas convivem no mesmo espaço físico e mantêm relações significativas.
5. família substituta: é a família que assume a criação de uma ou mais pessoas com as quais não tem laço de parentesco.

As famílias também podem ser analisadas no seu aspecto evolutivo, ou seja, através das *etapas ou ciclos evolutivos* pelo qual atravessa em suas diversas *fases ou períodos*, apontando as tarefas evolutivas a serem desenvolvidas pela família e seus membros.

Carter e McGoldrick (1995) utilizam o termo ciclo de vida familiar para definir as etapas evolutivas pelas quais as famílias e os indivíduos passam, baseando-se no tempo e nas novas condutas necessárias a cada período de desenvolvimento atingido. Propõe seis estágios, a partir de estudos com famílias americanas. *Primeiro ciclo*: quando o jovem deixa sua família de origem, em termos físicos, se não emocionais, mas ainda não estabeleceu uma família de procriação. Um jovem adulto pode separar-se da família para buscar seus objetivos de sucesso, mas as questões familiares permanecerão fortes. *Segundo ciclo*:

quando o jovem solteiro casa. *Terceiro ciclo*: neste estágio os filhos nascem e necessariamente devem ser criados. *Quarto ciclo*: quando os filhos crescem e tornam-se adolescentes. Neste estágio as questões a respeito da separação e abertura a novos valores se tornam mais salientes. *Quinto ciclo*: neste ciclo os filhos tornam-se independentes dos pais e estes, têm que se estruturar novamente como casal. *Sexto ciclo*: neste momento os pais envelhecem e agora, os filhos que ficam com a responsabilidade de cuidar de seus pais. A escolha profissional está presente no quarto ciclo, quando os jovens almejam mais liberdade e experiências fora do lar, com questionamento sobre ordem e regras estabelecidas. Os pais, nesse momento, possuem outros tipos de questionamento, repensando o que realizaram até o momento e indagando-se também sobre sua própria vida profissional.

Cerveney e Berthoud (1997) realizaram estudos sobre os ciclos de vida das famílias brasileiras, em especial no Estado de São Paulo, que se mostrou diferente da realidade das famílias estrangeiras. A *primeira fase* de vida das famílias brasileiras é denominada a fase da aquisição, em todos os sentidos: material, emocional e psicológico. A aquisição do jovem casal que se forma é a principal preocupação, que pode ser tanto a aquisição do primeiro emprego, da compra de um carro, ou de um modelo próprio de família diferente daquele modelo observado em sua família de origem. Inclui também a chegada do primeiro filho e a vida com filhos pequenos. A *segunda fase* é a família em fase adolescente; por um lado, os filhos experimentam a adolescência enquanto período de transição, transformação e mudanças em diferenciação da idade adulta e, por outro, os pais passam a rever sua própria adolescência e os aspectos que podem ser resgatados de uma juventude ainda presente. Também é nesse ciclo que ocorre a escolha profissional. A fase madura é a *terceira fase*, caracterizada pela necessidade de assistir aos pais com idade avançada e de

ajudar os filhos que necessitam de apoio para o cuidado com os próprio filhos. A *quarta fase* do ciclo vital é chamada de última, coincidindo com a aposentadoria e o retorno a uma vida a dois do casal.

## **2.2. A Influência da Família e a Escolha Profissional**

A família é a base do ser humano. A criança, desde que nasce, é lançada em um meio familiar, onde se identifica, se estrutura, se constitui e se constrói enquanto indivíduo. Percebemos através da literatura apontada que é no ambiente familiar que a criança vai se formando, a partir das ideologias, dos conceitos, dos valores que a família transmite, de geração a geração, a seus integrantes. As concepções de trabalho, de estudo, de profissões estão aí incluídas, pois não fogem à regra.

A família sempre teve um importante papel por sua função socializadora. Um bebê recém-chegado rapidamente é integrado um lugar na vida psíquica dos familiares e no grupo social. O mundo lhe é apresentado pela família e outras figuras significativas. É sobre esta primeira formação que se adicionará, no futuro, a opção profissional. A forma como os pais dão significado aos elementos da vida ocupacional sempre está presente no modo de um filho significar este universo.(...) Observa-se, com isso, que a orientação profissional, ao focalizar a vida ocupacional de um indivíduo, estará se inserindo no universo de representações do orientando e de seu grupo familiar sobre o mundo do trabalho e, dentro disso, também sobre o sentido da vida, da morte e do ser. Assim, não é possível recortar uma visão sobre o orientando de forma descontextualizada e faz-se necessário compreender suas



ansiedades em referência ao grupo social – família, amigos, escola. (Dias, 1995, p.74)

Soares (2002) desenvolve a seguinte idéia: escolha profissional – projeto dos pais e projeto dos filhos<sup>5</sup>, ou seja:

Os pais constroem projetos para o futuro de seus filhos, desejam que eles correspondam à imagem projetada. Investem-no da missão de realizar os sonhos que eles mesmos não puderam realizar. Desde o nascimento, a pessoa é acompanhada pelos desejos e pelas fantasias de seus pais e familiares em relação a ela e ao seu futuro. Cada filho recebe uma carga de expectativa dos pais. Neste momento os pais também repensam sobre suas próprias escolhas. (Soares, 2002, p.75).

Ainda conforme a mesma autora a família, ao incentivar certos comportamentos e atitudes das crianças e reprimir outras iniciativas, interfere no processo de apresentação da realidade dessas crianças determinando, em parte, a formação de seus hábitos e interesses.

O jovem inserido numa família com um dinamismo próprio, escolhe uma profissão muitas vezes sem conhecer as influências recebidas do meio familiar. A rede de relações que se forma em cada família – incluindo os avós, bisavós, tios, primos –, está presente de uma maneira ou de outra nas diferentes escolhas que fizemos na vida. (Idem, p. 74)

---

<sup>5</sup> Tema de sua tese de doutorado, realizada na Universidade Louis Pasteur – Strasbourg, França, 1996.

Segundo Ramos e Rodrigues (1997) A escolha profissional é um processo histórico, cujas inscrições estão presentes nas expectativas que são criadas em torno do filho, antes mesmo dele nascer. Esse processo histórico tem, também, a marca da dimensão sócio-econômico-política e ideológica da família. Isto significa dizer que pensar a escolha da profissão é resgatar e conhecer expectativas de gerações.

Dessa forma, a estrutura familiar cria também impedimentos à livre escolha, quer de forma explícita – quando é verbalizado o desejo dos pais para que o filho escolha a mesma profissão, ou realize um sonho que eles não conseguiram realizar –, quer de forma mais sutil, através de auto-conceitos e de opiniões expressas, pelos membros familiares, ou seja, o que é falado a respeito de um curso, de uma profissão e de uma carreira.

Essa última influência ocorre de forma indireta e implícita; o indivíduo vai construir-se dentro de um sistema familiar, com conceitos sobre determinadas profissões que são interiorizadas sutilmente por todos os membros. Muitas vezes o filho estabelece conceitos, valores e preconceitos sobre determinadas profissões, de acordo com o que escuta e vê dentro de casa, através de imagens conceituais, imagens que são construídas a partir da profissão do pai, da mãe, ou de qualquer outra pessoa próxima. O sucesso, o fracasso, as dificuldades, as facilidades, a satisfação ou insatisfação da profissão dessas pessoas pode ir contribuindo para que o jovem tenha uma imagem da profissão. Isso, muitas vezes, acaba influenciando no processo de escolha, de forma sutil e disfarçada. O jovem também pode seguir a profissão pela proximidade, por conhecer mais, por fazer parte do seu dia-a-dia, acaba pensando que gosta. Ou então, criar certa aversão: pode fazer tudo, menos a profissão dos pais.

As profissões dos pais influem de forma decisiva na maneira como o jovem representa o mundo do trabalho. A formação da identidade profissional estará relacionada com a sua percepção da satisfação ou insatisfação de seus pais no trabalho. Um jovem admirava o pai, mas de tanto escutá-lo reclamar de sua profissão passou a não gostar dela também. (Soares, 2002, p.31).

Conforme Andrade (1997) é no seio da família que se estabelecem os eixos de estruturação da personalidade ocupacional do indivíduo. Estruturam-se as bases dos conceitos e dos principais aspectos que, durante toda a vida, nortearão as relações do indivíduo com o mundo de trabalho. O nível de determinação dá-se pelas influências, muitas vezes indiretas e não explícitas da ideologia familiar sobre os valores e conceitos ocupacionais, inclusive pela determinação da própria identidade profissional e a auto-estima, fatores chaves na escolha da carreira e na administração da vida profissional. A ideologia familiar acaba gerando uma imagem vocacional que se interpõe entre o indivíduo e sua percepção, influenciando a idéia que os indivíduos têm de uma determinada profissão.

Segundo Whitaker (1985) “As famílias vão aperfeiçoando métodos mais sutis de influenciar seus pimpolhos, através de uma certa sugestão social, carregadas de mensagens subliminares que caem no inconsciente e contra as quais não há como se defender”. (p.35-36).

Este mesmo autor, também se refere ao efeito da valorização ou desvalorização sutil de certas profissões, ou as afirmações que, desde pequeno, o filho escutou. Assim é que, positiva ou negativamente, a influência dos pais tem peso considerável na definição profissional dos filhos, ainda que nem sempre eles reconheçam o fato.

Deve-se considerar, então, a forma como os familiares dão significado aos elementos da vida ocupacional, pois sempre estará incluída no universo de representação dos filhos.

Assim sendo, é inevitável que o jovem procure escolher uma profissão que está relacionada com os valores da família. Essa cultura estará ativa, tanto concretamente quanto de modo internalizado pelo sujeito, pois desde pequeno foi interiorizando os princípios do meio em que vive. Visto sob esse ângulo, o indivíduo deve considerar essas influências recebidas, quer sejam elas explícitas ou sutis.

### 3. CAPÍTULO III – MITO E MITO FAMILIAR

#### 3.1. O Mito

Há mais de meio século os eruditos ocidentais passaram a estudar o mito por uma perspectiva que contrasta com a visão até o século XIX. Ao invés de tratar como fábula, invenção, ficção – como era compreendido pelas sociedades arcaicas –, o mito passou a ser visto como uma história verdadeira e ainda extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo.

Conforme Eliade (1972), desde os tempos de Xenófanés (ele foi o primeiro a criticar e rejeitar as expressões “mitológicas” da divindade utilizadas por Homero e Hesíodo), os gregos foram despojando progressivamente o *mythos* de todo valor religioso e metafísico. Hoje, entende-se o mito como mito “vivo”, no sentido de que fornece os modelos para a conduta humana, conferindo, por isso mesmo, significação e valor à existência da humanidade.

Eliade (1972) define o mito como uma história sagrada que relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio. Em outros termos, o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É, portanto, sempre uma narrativa de uma criação: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a ser. O mito fala apenas do que realmente ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são conhecidos, sobretudo, pelo que fizeram no tempo prestigioso dos primórdios. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas – e algumas vezes

dramáticas – erupções do sagrado, no mundo. Ensinam as histórias primordiais que o constituíram existencialmente e, assim, afeta-o diretamente em tudo o que se relaciona com a sua existência e com o seu próprio modo de existir no Cosmo.

Ainda segundo Eliade (1972) o mito constitui a história. Essa história é considerada absolutamente verdadeira, porque refere-se a realidades, e sagrada, porque é obra dos Entes Sobrenaturais. O mito refere-se sempre a uma criação, contando como algo veio à existência; conhecendo o mito, conhece-se a origem das coisas e, de uma maneira ou outra, vive-se o mito. Ele exprime, enaltece e codifica a crença, garante a eficácia do ritual e oferece regras práticas para a orientação do homem, diferente das fábulas ou contos que são histórias falsas.

Rivera (2001) coloca que mitos são histórias porém, nem todas as histórias são mitos. O que caracteriza esses últimos e os diferenciam da história, é que têm uma estrutura fortemente simbólica e buscam explicar a origem de uma situação que determina o presente e o futuro. O mito é uma narração de um ato fundamental – em que, geralmente, encontra-se a confrontação entre duas forças, as quais têm uma importância crucial na vida da comunidade que o gerou.

Conforme Krom (2000) a história não se perde, está nos mitos. Assim como os mitos são reencontrados nas histórias. Representam o potencial criador das sociedades e dos relacionamentos, assim como também são em si mesmos a sabedoria acumulada através dos tempos.

Knox (1964) in Rivera (2001) descreve quatro características fundamentais dos mitos:

1. Os mitos são histórias, narrações imaginativas, que tratam de atos cosmologicamente significativos de deuses ou seres supra-humanos: os heróis.

Um ato ou acontecimento cosmicamente significativo é de decisiva importância para o mundo, especialmente para o mundo dos humanos, cuja resposta pode estar em épocas pré-históricas ou históricas. Conta ações particulares que ocorreram em tempos particulares.

2. O mito sempre tem sua fonte na vida comum e nas experiências de uma comunidade humana particular. Levam a marca da sua cultura e persistem durante gerações como parte de sua tradição.
3. A comunidade aprecia o mito porque sugere algo distintivo e importante na existência humana particular e na existência da comunidade. Aliás, é onde a existência humana encontra a resposta.
4. Os mitos são inseparáveis e indispensáveis para a vida da comunidade e para todos que participam dela.

Bagarozzi & Anderson (1996) estudiosos deste assunto, afirmam que os mitos foram criados com finalidade de encontrar sentido e pôr ordem nas experiências. Para nossos ancestrais, estas explicações mitológicas eram verdades. Cada história, cada mito, dava significação e finalidade a aspectos específicos da existência cotidiana. Além de prescrever a conduta, os mitos também prescrevem a ação. Opor-se à sua sabedoria era alterar um mandato pré-ordenado. Muitas das narrações míticas mais clássicas da antiguidade falavam do destino cruel daqueles que ousavam desafiar a ordem, ou do triunfo de quem era capaz de seguir certos sinais divinos. Tal ação podia conduzir a uma catástrofe pessoal e familiar.

A função do mito consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o trabalho, a

educação, a arte ou a sabedoria. Fornece, assim, uma significação ao mundo e à existência humana.

Já para Mèlich in Rivera (2001), a função do mito seria proporcionar um sentido coletivo e gerar uma ordem de valor, do que é apropriado ou inapropriado. Cada sociedade humana sobrevive porque se mantém unida através de mitos. Os indivíduos, as famílias, elegem, adotam os mitos culturais para si próprios. Os mitos culturais são modificados e reelaborados pelos indivíduos de modo que se adequem a sua mitologia pessoal. Assim, podem manter o conceito que têm de si mesmos e preservar a integridade pessoal.

### 3.2. Mito Familiar

Conforme Ângelo e Andolfi, (1988, p.81) o mito familiar foi proposto por Ferreira em 1963, atribuindo ao termo mito familiar crenças bem integradas e compartilhadas por todos os membros da família; diz respeito a cada um deles e suas posições recíprocas na vida familiar. Tais crenças não são contestadas por nenhuma das pessoas interessadas.

Ferreira in Ângelo e Andolfi, (1988) na sua concepção de mito, coloca a família como um **sistema fechado**, que não contesta as normas, não muda, não transforma. Um sistema fechado, em oposição ao sistema aberto, é aquele que não estabelece trocas com o meio onde está inserido. Já Ângelo e Andolfi, (1988) ressaltam a possibilidade do mito transformar-se através das gerações seguintes.

Vários autores introduziram uma dimensão histórica – portanto temporal – na descrição dos mitos familiares (Selvini, Palazzoli e Boscolo 1975 e Bagarozzi e Anderson 1983). Atribuindo aos mitos um lugar de relevância na gênese e na transformação da estrutura e nos conteúdos do mito familiar, propuseram sair de



uma concepção sistêmica estática e predominantemente mecanicista, ainda presente na definição originária do mito familiar dada por Ferreira. Concebe a família como sendo um sistema fechado, pouco orientado no sentido evolutivo, sujeito a forças com tendência a fazê-lo permanecer imutável. (Ângelo e Andolfi, 1988, p.82).

Ainda seguindo o pensamento destes autores, é possível que um mito se reproduza em gerações sucessivas, mantendo inalterada sua estrutura e os papéis designados a cada um. Serão assim cumpridas as várias funções e a tutela das regras que governam o sistema familiar. Porém, se a finalidade do mito fosse apenas homeostática<sup>6</sup>, não haveria evolução, mas uma repetição estereotipada dos mesmos problemas relacionais. Porém, não é assim; às vezes, há mudança da trama mítica porque no decorrer do tempo podem se modificar ou se transformar as funções até então designadas a algum membro da família. Isto ocorre quando a família enfrenta determinadas etapas evolutivas e, portanto muda o projeto relacional. *É mais útil considerar os mitos como sendo estruturas que se constroem e se movem no tempo.*

---

<sup>6</sup> O conceito de homeostase, dentro da Teoria Sistêmica, surge num primeiro momento da Teoria, quando se ocupava dos mecanismos e processos pelos quais os sistemas, em geral, funcionavam com o intuito de manter a sua organização de modo que se mantivesse estável e sobrevivessem. O sistema, de acordo com essa concepção, operava de acordo com um propósito ou meta, cujo alcance era garantido por mecanismos de regulação e controle. Regulação, enquanto um mecanismo, visa manter a sobrevivência do sistema à medida que controla os distúrbios que o atingem, impedindo-os de evoluírem para uma mudança, que possa quebrar a sua organização. Esse processo é conhecido como retroalimentação negativa, por meio do qual um sistema vivo sobrevive mantendo a sua constância, apesar das mudanças do meio, ele volta a ser o que era antes (auto-regulado). Já na retroalimentação positiva, ocorre mudança no sistema (auto-transcendência). (Filomeno, 2002).

Anderson & Bagarozzi (1996) também conceituam o mito familiar de maneira significativamente distinta daquela proposta por Ferreira. Não acreditam que os mitos permaneçam estáticos ou que seu principal propósito seja manter o equilíbrio homeostático. Para eles, nem sempre os mitos são compartilhados de maneira consciente pelos membros da família e existe uma pluralidade de mitos servindo como ponto de referência para os processos familiares. Afirmam que as famílias desenvolvem uma variedade de mitos que mudam constantemente e evoluem com o desenvolvimento do ciclo familiar e com o passar do tempo. Além disso, esses mitos existem em vários níveis de consciência individual (pessoal) e de organização grupal (familiar). Alguns são persistentes e desempenham uma função homeostática, mas isso não os torna disfuncionais. A **retroalimentação**<sup>7</sup> **negativa** é essencial para a conservação e equilíbrio de qualquer sistema. Por outro lado, alguns promovem mudança, o crescimento e o desenvolvimento, podendo ser percebidos como circuitos de **retroalimentação positiva**, permitindo que o sistema permaneça viável.

Portanto, Angelo e Andolfi (1988) partem da concepção de Ferreira, e incluem em sua concepção de mitos familiares os aspectos dinâmicos, que se constroem e se modificam com o tempo, mantendo sua estrutura. Trata-se de um conjunto de crenças que regem o comportamento de cada um dos membros da família, estabelecendo regras para a instalação de pautas de conduta. Essas crenças baseiam-se em fatos e acontecimentos ocorridos, “crescendo e se desenvolvendo especificamente sobre os “vazios”, falta ou escassez de dados e explicações plausíveis sobre estas experiências. O espaço deixado pelos aspectos

---

<sup>7</sup> CAPRA (1999, p.59), define retroalimentação como um arranjo circular de elementos ligados por vínculos causais, no qual uma causa inicial se propaga ao redor das articulações do laço, de modo que cada elemento tenha um efeito sobre o seguinte, até que o último “realimenta” o efeito sobre o primeiro elemento do ciclo. A consequência desse arranjo é que a primeira articulação é afetada pela última.

ambíguos, pelas necessidades emocionais não satisfeitas e pelo acaso é preenchido pelo ato criativo, que ocupa seu lugar e introduz questões ligadas aos grandes temas da vida (o nascimento, a morte, a sobrevivência, o casamento, o amor, o medo do desconhecido e da solidão), na tentativa de respondê-las à luz das circunstâncias.

Para Gomes (2002) o mito familiar está presente em todas famílias. Constitui uma forma de expressão cultural que permite ao homem legitimar um conjunto de regras de relacionamento e conduta, cria um sentido de coesão entre homens e de pertencer a uma cultura. O mito constrói-se no decorrer do tempo vivido, ancorando-se nos fatos ocorridos para sua modelagem. Ele vai se compondo ali, onde a dor, o medo, a rejeição não permitem à palavra que se manifeste. É nos vazios de sentido e explicação que o mito ganha força e direção. Carrega consigo a história cifrada da família, constituindo um legado que passa de pais para filhos. Embora, no decorrer do tempo, sofra modificações, ele se mantém em sua organização. É assim que a família vai se constituindo como núcleo de cultura, com costumes e estilos próprios. Há um modo de estar no mundo que lhe é particular, uma lente comum pela qual seus membros interpretam a realidade.

Krom (1994) estabelece uma distinção entre mitos presentes numa família, sugerindo que há um **mito central – Mito Espinha Dorsal** – que norteia a estrutura e o funcionamento da família, determinando o maior número de pautas e regras familiares. E os **Mitos Auxiliares** – que vão se delineando com o passar do tempo, ajustam-se ao mito espinha dorsal, determinando pautas complementares.

Krom (2000/1994) estabelece a diferença entre mitos e crenças. Destaca o mito familiar como elemento norteador e determinante da estrutura relacional e da dinâmica de uma família. O mito é um sentido que está espalhado, enraizado na família e transcende gerações. *Para uma crença se tornar um mito deve estar presente, no mínimo, em três*

*gerações*. O mito constitui, em sua essência, a concepção do mundo próprio da família, onde se cria a realidade familiar e o mapa do mundo individual. Identifica alguns mitos:

1. **mito da união:** garante a perpetuação da família, favorece o pertencimento e a manutenção de padrões afetivos. Sua falta pode proporcionar o afastamento dos membros familiares entre si;
2. **mito da propriedade:** busca assegurar o patrimônio, a manutenção dos bens e a estabilidade familiar. Em algumas famílias encontra-se o **mito da propriedade rural**, que busca assegurar o patrimônio rural e o **mito da propriedade intelectual**, atuando além das propriedades materiais, priorizando a educação e os estudos;
3. **mito da religião:** norteado pela prática de determinada religião;
4. **mito da conquista e do sucesso:** que determinam maneiras de conquistar bens, posições e outras situações. A conquista diferencia-se do sucesso: no mito do sucesso não só vale conquistar coisas materiais ou pessoas, mas sobressair-se, ser admirado ou imitado;
5. **mito da autoridade:** a família distribui-se em uma hierarquia de poder, nas quais as pessoas exercem determinadas funções que asseguram a autoridade com respeito à hierarquia;
6. **mito do poder:** é diferente do mito da autoridade, porque no mito do poder ocorre o abuso da autoridade;
7. **mito de luta:** presente em algumas famílias, priorizando a luta pela sobrevivência.
8. **mito da ajuda e cuidado:** a responsabilidade pelo cuidado de seus membros familiares e a manutenção de seu bem-estar.

Entre outros: mito da doença, da loucura e da infelicidade.

A autora classificou ainda esses mitos em construtivos e organizadores (mito da propriedade, da união e da autoridade) e mitos nocivos e desorganizadores, capazes de aumentar o estresse familiar, ansiedade, rupturas, coalizões, distanciamentos físicos, condutas depressivas, entre outros. (mito do poder).

Para Cerveny (2001) mito familiar é uma narrativa construída pela família, que contém leituras da realidade e expressam convicções compartilhadas pelo grupo. Essa narrativa liga elementos dispersos como crenças, valores, tradições, transformando-se num conto organizado que serve como matriz de conhecimento. A partir dessa matriz cada membro da família pode construir sua identidade (e seus mitos individuais) e ter uma direção para leitura, classificação e interpretação de suas experiências. O mito familiar designa, ainda, as posições de cada um dentro do grupo e fornece modelos de conduta, conferindo significado e valor à existência.

Aqui se faz necessário uma distinção entre mito familiar, mito individual e mito coletivo.

**Mito familiar:** valores e crenças da família, construídas e compartilhadas por todos os membros, repetidas por três gerações. Explicar-se-á posteriormente, como um mito familiar é criado.

**Mito individual ou pessoal:** valores e crenças de cada indivíduo, que refletem influências nos e dos mitos coletivos e familiares.

**Mitos coletivos ou culturais:** valores, crenças e histórias da humanidade, ou de uma sociedade, repassada através de várias gerações. Grandes mitos da história Grega: Eros, Afrodite, Atenas, entre outros.

É importante lembrar que estes mitos estão sendo explicados separadamente para fim didático, mas eles estão interligados.

Entende-se que a família também faz parte do contexto social em que está inserida: absorve alguns mitos coletivos, abandona alguns e transforma outros, criando assim os seus próprios mitos familiares. Cada indivíduo da família faz o mesmo processo: absorve alguns mitos familiares e coletivos, abandona outros e transforma outros, criando, então, seus próprios mitos pessoais.

Portanto, o mito familiar, pessoal e coletivo desenvolvem-se ao mesmo tempo e é difícil pontuar onde e quando inicia um ou outro. São também estruturas móveis que se modificam com o tempo. Um acaba modificando o outro, ou seja, um interfere na construção e mudança do outro. Estão fortemente entrelaçados entre si.

Minuchin (1990) ao conceituar família coloca que esta dá a seus membros um sentido de pertencimento e um sentido de ser separado. Pode-se relacionar o sentido de pertencimento com os mitos familiares, à medida que o indivíduo compartilha com esses mitos. Surge então, o sentimento de pertencer a essa família. E os mitos individuais estariam relacionados com um sentido de ser separado, por construir seus próprios mitos e diferenciar-se da família.

Uma criança capaz de simbolizar constrói seus mitos pessoais, que são o resultado da interação com aqueles que o ambiente lhe transmitiu ou tenta transmitir-lhe. A construção destes mitos se desenvolve num determinado período de tempo; utiliza-se deste último como elemento de reforço e como instrumentos coadjuvante na escolha de elementos a serem conservados ou eliminados, segundo a redundância pela qual se apresentam. Mito individual e mito familiar estão estreitamente

interligados e se desenvolvem ao mesmo tempo. Indagar sobre qual é o primeiro é como descobrir ‘nasceu antes o ovo ou a galinha’. (Ângelo e Andolfi, 1988, p.78).

Bagarozzi e Anderson (1996) colocam que é impossível separar os mitos pessoais de um indivíduo dos de sua família, comunidade ou cultura. Os indivíduos e as famílias elegem e adotam ativamente como próprio os mitos culturais, cujos componentes, símbolos, rituais, tem significação e importância para cada um dos membros da família, para o sistema familiar como um todo.

Na medida em que um se constrói através do outro, estando tão interligados, poder-se-ia esquematizar desta maneira:

MITOS COLETIVOS ↔ MITOS FAMILIARES



MITOS PESSOAIS

Stierlin (1978) in Angelo e Andolfi (1988), ampliando o conceito já expresso por Borzormmenyi-Nagy e Spark (1973), falou da “**delegação, legado, lealdade**”, que cada integrante pode ser portador, mais ou menos consciente, na medida em que suas expectativas e seus projetos amoldam-se a uma função bem determinada por ele, desenvolvida na família de origem, incluindo tarefas peculiares, reais ou imaginárias.

O conceito de delegação desenvolvido por Stierlin significa ao mesmo tempo “enviar” e “confiar um encargo, uma missão”.

O elemento central da delegação é o elo de lealdade que une aquele que delega àquele que é delegado. A delegação é geralmente a expressão de um processo relacional indispensável e legítimo. Assim que assumimos uma delegação, nossa vida recebe uma direção e um sentido, ela se liga a uma cadeia de obrigações que se estendem através das gerações. A delegação dá uma direção e uma significação à nossa vida. Enquanto delegados dos nossos pais, temos a possibilidade de provar nossa lealdade e nossa honestidade e de realizar missões ou mandatos que não somente possuem uma significação diretamente pessoal, mas também um sentido supra-individual. (Stierlin, 1980, p.68)

Os pais esperam lealdade dos filhos e estes, como representantes dos avós cobram lealdades não resolvidas entre os pais e seus próprios pais. Segundo Nagy e Spark (1983) in Gomes (2002), etimologicamente a palavra lealdade deriva da palavra francesa “loi”, lei, e implica atitude de acatamento à lei. As famílias têm suas próprias leis, que fazem parte do padrão do sistema familiar herdado e desenvolvido pelos pais e filhos na atual família nuclear. Tal padrão cria uma rede de obrigações que, através de uma contínua troca de expectativas dentro do sistema de relações a que o indivíduo pertence, é responsável pela construção de um sistema de contabilidade. Assim, cada membro da família acha-se subordinado a expectativas que irá cumprir, ampliar ou, de algum modo irá reagir a elas. Todo ser humano tem uma missão familiar a cumprir, explícita ou implícita, grande ou pequena, possível ou impossível.



Ainda, segundo Nancy e Spark (1994) citado por Gomes (2002) o conceito de uma trama de **lealdade** interpessoal implica a existência de expectativas estruturadas de grupo, em relação com as quais, todos os membros adquirem um compromisso. Para ser membro leal de um grupo, o indivíduo tem que interiorizar o espírito de suas expectativas e assumir uma série de atitudes passíveis de especificação, para cumprir com os **mandatos** interiorizados. Em última instância, o indivíduo pode, assim, submeter-se tanto ao mandato das expectativas externas, como ao das obrigações interiorizadas.

Gomes (2002) coloca que para superar o legado mítico destinado a cada um sem quebrar o compromisso de lealdade (que constitui a base para o estabelecimento das relações de confiança no seio da família) é necessário que se possa redimensionar os mandatos familiares, buscando um novo sentido para eles através de uma nova contextualização das missões familiares. É por isso que não basta a rememoração do que passou para permitir a renovação do compromisso mítico: o mito constitui, em si mesmo, essa memória, e atualiza-se diariamente através dos rituais familiares. É necessário, inversamente, que, sobre a base do compromisso assumido no passado, encontre-se uma forma de viver em congruência com as circunstâncias atuais, renovando os votos de lealdade.

É indispensável decifrar o “mandato”, “delegação” designada a cada um, caso se deseje modificar o desenvolvimento do mito; tal modificação opera-se introduzindo elementos indutores da mudança.

Assim, o que foi legado a um indivíduo influencia de maneira poderosa toda a sua vida. Esses conteúdos já identificados como lealdades invisíveis referem-se à existência de expectativas estruturadas, diante das quais todas as pessoas na família assumem compromissos.

À medida que as pessoas nascem nessas famílias, ocupam determinado lugar; recebem expectativas que as acionam a dar cumprimento a esses mandatos. Essa afirmação me faz lembrar do senhor Albertino, um homem com o rosto de traços marcados pelo sol, de aproximadamente setenta anos de idade, que me dizia com seu jeito firme: “Esta terra era do meu avô. Meu pai passou a vida cuidando dela; minha mãe sempre o ajudou. Não podemos de jeito nenhum deixar de cuidar desta propriedade”. Do outro lado da sala, em outra cadeira, o seu filho caçula de 17 anos com o qual conversávamos, buscava desesperadamente outras saídas, pois, como dizia com voz trêmula: “Existem tantas outras coisas para eu fazer”, debatendo-se contra essa forma tão rígida de responder às lealdades da família. As lealdades invisíveis abarcam em si muitos determinantes em sua configuração, que se referem à natureza da relação de pais e filhos à intensidade e profundidade desses laços. (Krom, 2000, p.36).

Os mitos se expressam através de rituais.

Os mitos são celebrados através de rituais, os quais cumprem a função de relembrar a cena originária, permitindo ao homem aproximar-se do que lhe é próprio. No momento da celebração mítica, os papéis são rigidamente distribuídos, cabendo a cada um ocupar seu lugar na trama mítica, a partir do legado que lhe foi deixado ou da função que cumpre preencher. Os rituais são a forma dramatizada de legitimação da estrutura social sustentada na mitologia. (Gomes, 2002, p.38).

Assim, graças aos modelos exemplares revelados pelo mito, o homem torna-se, ele mesmo, criador. Ao repetir indefinidamente o mesmo gesto arquetípico através dos rituais, o homem, na realidade, conquista seu mundo, organizando-o e transformando-o. Eliade (1972) diz que, graças à repetição contínua de um gesto paradigmático, algo se revela como fixo e duradouro no fluxo universal.

Na leitura de Angelo e Andolfi (1988), os ritos são uma série de atos e comportamentos estritamente codificados na família, que se repetem no tempo e dos quais participam todos ou uma parte dos familiares. Parecem ter a tarefa de transmitir aos participantes valores ou atitudes peculiares ou modalidades comportamentais concernentes a situações específicas ou a vivências emotivas a elas relacionadas. Porém, ao mesmo tempo, servem como suporte ao significado que cada membro da família se atribui, enriquecendo-se no tempo de novas valências e proporcionando uma estrutura pelas sucessivas transformações do mito familiar.

O rito tem como função principal transmitir e perpetuar o mito. Esse não se faz acessível somente pelo discurso, transmitindo-se através de rituais, fazendo-se necessário utilizar metáforas, criação de imagens, jogo em terapia, esculturas, enfim todo um arsenal técnico que permite percorrer os sentidos e os significados.

Nas esferas da comunicação, organização, pensamento, aprendizado e evolução, “nada virá do nada” sem informação. No entanto as mensagens cessam de ser mensagens quando ninguém pode lê-las. A pergunta é: como o mito familiar se transforma em informação? No mundo da informação e da organização, o zero, a ausência completa de qualquer indicador, pode ser uma mensagem. A falta de comentários sobre um acontecimento traumático, as desculpas que não foram pedidas, a resposta que não é dada todas estas podem ser mensagens suficientes e

eficazes, porque o zero, num contexto, pode ser significativo; e é quem recebe a mensagem, quem cria o contexto. Neste sentido, o zero pode ser ocasião de aprendizado e mudança. (Bateson, 1986, p.53).

A partir de Bateson, Gomes (2002) reflete que o mito familiar se constitui sobre a base desses “zeros”, não ditos e não feitos, que são, ao longo do tempo, significados nas relações estabelecidas, através da criação de contextos que permitem a atribuição de sentido a cada coisa dita ou realizada. É assim que a conduta e as relações se transformam em elementos rituais, pelos significados que vão assumindo, constituindo, dessa forma, o conjunto de princípios e regras que servirão de referência para todo o processo de distinção de contexto que envolva as relações familiares. Tal conjunto de regras e princípios reflete a maneira pela qual a família percebeu e interpretou a realidade, compondo os produtos do processo de aprendizagem dos membros da família, ao longo das gerações. Com o passar do tempo, afastados das circunstâncias de sua produção, os conhecimentos assim adquiridos transformam-se em crenças, constituindo assim a essência da trama mítica. A conduta e as relações tornam-se então emblemáticos do mito, ao qual deram origem por sua qualidade de permitir o conhecimento do mundo.

### **3.3. Mito e Escolha**

Para Feinstein e Kripper (1992), os mitos estruturam a nossa consciência e apontam para a direção que se torna o nosso caminho. O homem moderno não tem consciência do mito que vive em seu interior, da imagem, freqüentemente invisível, que o impulsiona de uma forma dinâmica em direção à escolha. Contudo, é possível retroceder e começar a examinar as lentes, a mitologia que orienta as nossas escolhas. A arte de viver é

essencialmente uma evolução do poder de escolha interna. Consciente ou inconscientemente, o ser humano vive conforme sua mitologia. Os mitos estruturam a nossa consciência e apontam a direção que se torna o nosso caminho. Os mitos estão relacionados com o passado, presente e futuro, bem como a identidade e o propósito de vida do indivíduo. Eles exercem poderoso efeito sobre os sentimentos, pensamentos e atitudes, e são influenciados pelas experiências pessoais, sociais e familiares. Através dos mitos, interpreta-se o passado, compreende-se o presente e encontra-se orientação para o futuro. Os mitos apontam as mais amplas questões de identidade (“quem sou eu”), de direção (“para onde vou”) e de propósito de vida (“porque estou aqui”).

A escolha profissional, por sua vez, não poderia deixar de estar fora deste contexto. Uma vez que os mitos orientam nossas escolhas, podem orientar também, nossas escolhas profissionais.

### **3.4. Mitos Familiares e Orientação Profissional**

É nesse sentido que o trabalho de orientação profissional ganha um enfoque sistêmico, ao resgatar e trabalhar os conceitos, as ideologias que as famílias constroem das profissões, e os mitos familiares presentes até o momento da escolha de uma profissão. Ao ver o ser humano como um ser integrado, que ao tomar qualquer decisão, atitude ou escolha, está sendo influenciado por diversos fatores, o resgate destes conteúdos familiares é de extrema importância, no momento da escolha profissional.

Escolher uma carreira significa deixar outras opções, significa muitas vezes abandonar ou seguir expectativas familiares. O adolescente ao escolher sua profissão pode estar seguindo, confrontando ou transformando um mito familiar, isso pode ocasionar o sucesso ou o fracasso profissional, uma vez que a insatisfação com a escolha pode levar a

não realização profissional. Seguir o mito não significa garantia de sucesso, assim como não significa fracasso, a confrontação ou transformação.

A proposta é de inclusão do estudo dos mitos familiares no processo de orientação profissional. Na grande maioria das vezes a pessoa pode encontrar dificuldades e conflitos na escolha da profissão por não conhecer seus mitos familiares, e por sua vez não entendê-los. A partir do conhecimento dos mitos e de seu entendimento, é possível que a escolha ocorra de forma mais madura e ajustada<sup>8</sup>, resolvendo também os conflitos relacionados a esta escolha. Conforme Krom (1994) “No reconhecimento mítico existe a possibilidade do vislumbre de forças e conteúdos que ainda não foram suficientemente aproveitados e que agora, podem ser reconsiderados, favorecendo uma nova reconstrução da realidade”. (p.41).

A orientação profissional deveria proporcionar ao adolescente um momento de reflexão especialmente sobre o que está por trás da escolha da profissão e de tudo que está influenciando. A orientação profissional pode auxiliar o jovem a conhecer seus mitos familiares e resolver os conflitos relacionados a isso. Pode ser vista como um momento de conhecimento, elaboração e transformação dos mitos familiares. Isso não só facilitará o processo de escolha, como essa escolha será realizada de forma mais consciente, acarretando assim uma escolha mais “acertada”.

Considera-se necessário uma proposta de orientação profissional mais aprofundada, que não se limite a técnicas de autoconhecimento, tornando o processo de orientação profissional, um processo de psicoterapia focada na escolha profissional (à luz de conceitos da Teoria Sistêmica), considerando o conhecimento dos mitos familiares (questões intrínsecas), a informação profissional, as influencias recebidas (questões extrínsecas).

---

<sup>8</sup> Madura e ajustada, conforme Bohoslavsky (1998).

Levenfus (1997) fala de um modelo dual (O.V.O.<sup>9</sup> como atendimento clínico breve), que seria exatamente essa junção da informação profissional (questões extrínsecas) com as características pessoais (questões intrínsecas) do adolescente, ampliando para a resolução de problemas emocionais ou neuróticos (à luz da psicanálise).

Nesta época algumas vezes se estimulava o cliente para que resolvesse estes problemas transformando a O.V.O. numa ampla psicoterapia. Assim, o processo ficava tão incompleto quanto ao primeiro modelo. Neste sentido buscou-se um modelo dual: o modelo de escolha extrínseca-intrínseca, aliado ao modelo interno dinâmico. (Levenfus, 1997, p.231).

Krom (2000) cita alguns casos em que se pode observar a presença da influência do mito na escolha da profissão. Suzana, uma jovem vestibulanda diz: “Na minha família tudo é muito junto, nós sempre estamos nos agradando e cuidando um do outro”. Ela decidiu ser assistente social, profissão essa com pautas determinadas de ajuda e cuidado.

Célia, uma jovem que conheceu-se há muito tempo, questionava a sua própria escolha e falava a respeito de sua mãe: “Quando minha mãe casou, foi morar na casa da minha avó paterna. Ajudou a cuidar do meu avô doente. Depois cuidou da minha avó; logo depois minha avó materna adoeceu, e foi ele quem cuidou dela. Depois meu avô, agora meu pai... Foi assim a vida toda”. Após algum tempo ela decidiu-se pela profissão de

---

<sup>9</sup> No item 2.1 deste projeto explica-se a diferença dos termos de orientação profissional , orientação vocacional ocupacional (O.V.O.), orientação vocacional, orientação ocupacional.

farmacêutica, que lhe permite prolongar as formas de agir dos mitos familiares, em tarefas implícitas na própria profissão escolhida.

Uma outra família cujo avô, dono de uma prole numerosa, ainda jovem, foi envenenado, sem ninguém jamais ter sido responsabilizado por isso, a família, vivendo essa perda, sofre muitas dificuldades. A mãe, com os filhos pequenos, fica impossibilitada de cuidar das terras e acaba perdendo boa parte da propriedade. Os filhos crescem na pobreza. Ao verificar as escolhas profissionais na segunda e na terceira geração, observa-se que os filhos homens se direcionam para a carreira militar. Pode-se pensar em fortes expectativas que foram se formando, de resgate da justiça familiar, as quais tenham provavelmente direcionado a formação de determinado núcleo de sentido que pode ter influenciado essas decisões em busca da profissão escolhida.

A escolha profissional é um momento muito importante tanto para o ciclo de vida individual quanto para o da família. É um momento em que o jovem decide que profissão vai seguir e preponderam poderosamente as influências intergeracionais (...) mostra-se direcionada por fortes modelos familiares que servem ao jovem para reflexão a respeito das suas próprias habilidades e expectativas de realização pessoal. Tal escolha é fortemente determinada e construída por forças míticas, uma vez que ele vai responder diretamente às expectativas individuais e familiares. (Krom, 2000, p.38).

É neste sentido que, ao se conhecer os mitos familiares e as expectativas dos pais, pode-se não só ajudar o jovem no momento da escolha da profissão, como também auxiliar



no futuro sucesso profissional, uma vez que o jovem realizará uma escolha mais madura e ajustada.

## 4. CAPÍTULO IV - MÉTODO

### 4.1. A pesquisa

Para a realização da pesquisa usou-se o método clínico, tendo como instrumento a entrevista psicológica, utilizando-se para isso um conjunto de técnicas da Terapia Familiar Sistêmica e da Orientação Profissional. Essas técnicas serviram como estratégias para a coleta de dados, que permitiram realizar uma pesquisa qualitativa dentro de uma perspectiva sistêmica para análise das inter-relações familiares.

As principais técnicas foram o genoprofissiograma (Soares, 1997), a entrevista trigeracional (Krom, 1994), a informação profissional (Bohoslavsky, 1998) e entrevista para o futuro (Levenfus, 1997), que serão descritas posteriormente. Afim de verificar a aplicabilidade das estratégias de coletas de dados, realizou-se um estudo piloto. Este estudo piloto, juntamente com a prática profissional e consulta a literatura, contribuíram para a elaboração dos pressupostos e objetivos deste trabalho.

Segundo Reuchlin (1971) o método clínico tem como procedimento, o estudo de caso individual. É um método de observação, de casos individuais, tão prolongados, aprofundados e exaustivos quanto possível. A observação prolongada faz-se necessária para conhecer as reais condições de vida do sujeito, não para explicá-lo, mas para compreendê-lo. O objeto que se aplica o método clínico é um indivíduo examinado em suas relações, em seu encontro, seu diálogo com o psicólogo. O campo de aplicação do método clínico vem a ser neste caso, o de uma intersubjetividade.

A terminologia psicologia clínica se especifica por uma atitude metodológica: encarar a conduta em sua perspectiva particular, fazer o levantamento tão fiel

quanto possível das maneiras de ser e de reagir de um ente humano, concreto e completo, às voltas com uma situação, procurar estabelecer seu sentido, sua estrutura e sua gênese, descobrir os conflitos que a motivam e as providências tendentes a resolvê-los. (Reuchlin, 1971, p.112).

Não pretende-se partir de um estudo de caso para a generalização, mas estabelecer uma proposta de intervenção em orientação profissional. Pretende-se estudar profundamente um caso, pois ao estudar a influência dos mitos familiares na escolha profissional, há necessidade de aprofundamento e entendimento de algumas tramas familiares, padrões estabelecidos, regras, valores trigeracionais, até porque os mitos familiares estão sutilmente interiorizados pelos membros da família. O estudo de caso, por ser um processo individual e prolongado (vários encontros), possibilita aprofundar as questões familiares, explorar a história de vida e analisar as relações entre os membros da família.

O estudo de caso visa sobretudo à profundidade. Assim, tal estudo bem conduzido não poderia se contentar em fornecer uma simples descrição que não desembocasse em uma explicação, pois, como sempre, o objetivo de uma pesquisa não é ver, mas sim compreender. (Laville e Dionne, 1999, p.291).

O processo foi realizado em consultório próprio, tendo em vista a facilidade da localização e o espaço apropriado. O participante da pesquisa estava inscrito no Laboratório de Informação e Orientação Profissional (LIOP), para o processo de Orientação Profissional em grupo. Realizou-se contato telefônico, questionando seu interesse em participar de um atendimento individual, gratuitamente. Após aceitação, foi então marcado

o primeiro encontro, quando se explicou o objetivo da pesquisa e foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (anexo I). Foram realizados 13 encontros de uma hora cada um deles. As sessões foram gravadas.

#### **4.2. Participante da pesquisa**

Ana Beatriz<sup>10</sup> tem 16 anos, estudante do último ano do segundo grau e é a mais nova de cinco filhos. A família é composta por Tadeu (pai) 54 anos, Ana Bernadete (Mãe) 45 anos, Daniel (1º filho) 27 anos, Laura (2ª filha) 25 anos, Roberto (3º filho) 22 anos, Fabiano (4º filho) 20 anos, Ana Beatriz (5ª filha) 16 anos.

A Laura e o Fabiano moram em Urubici com os pais. O Roberto mora em Florianópolis em residência universitária. E Ana Beatriz também mora em Florianópolis, com seu irmão Daniel.

Em relação às profissões: O pai trabalha em banco com empréstimo rural, a mãe atualmente é dona de casa e é orientadora da pastoral de crianças, mas já foi professora. O Daniel é advogado, a Laura é psicóloga, o Roberto cursa agronomia, o Fabiano e a Ana Beatriz estão estudando para o vestibular de agronomia ou medicina veterinária e de enfermagem, respectivamente.

#### **4.3. Estratégias de coleta de dados utilizados**

1ª técnica: (2ª sessão) **História do nome próprio**. Pede-se à pessoa para pesquisar sobre o significado de seu nome em dicionários de nomes, na internet e em livros. E também para questionar junto aos pais os motivos que os levaram a escolher seu nome.

---

<sup>10</sup> Os nomes foram trocados.

O estudo do nome próprio é um recurso utilizado na terapia familiar. Através da escolha do nome, a família pode criar uma expectativa para este filho, pode sugerir uma missão ao filho. Os nomes muitas vezes são escolhidos de acordo com seu significado. Escolhem por exemplo, “Ricardo” porque significa pessoa poderosa, forte pela riqueza. É nesse sentido que a família cria uma missão, uma expectativa. Muitas vezes também os pais não conhecem o significado do nome, mas da mesma forma cria-se a missão. O que acaba acontecendo é que quando a pessoa descobre o significado do seu nome, ela se dá conta do quanto possui características deste nome.

Outras vezes, a escolha é feita em razão de ser o nome de uma pessoa bem-sucedida, de uma pessoa famosa, de uma pessoa querida da família ou porque era o nome do avô, do pai, entre outros motivos. Enfim, mais uma vez, os pais lançam para seus filhos as expectativas, os desejos que têm em relação ao filho. Qual pai não gostaria de ter um filho bem sucedido, com bom salário, bem casado, que seja um vencedor?

Ele (o nome) pode despertar expectativas que as crianças sentem-se pressionadas a corresponder, principalmente quando se trata de nomes de grandes personalidades cujos atributos estão tradicionalmente incorporados pelos grupos sociais. Também na repetição do nome do pai, do avô, é inevitável a comparação com as características inerentes às pessoas originalmente portadoras do mesmo nome. (Obata, 1986, p.5).

Saber os motivos da escolha do nome e o significado do mesmo é de extrema importância para entender a missão que lhe foi designada. Muitas vezes a pessoa acaba

tentando cumprir essa missão a vida toda, sem se dar conta disso, pois o nome próprio é a identidade da pessoa.

O nome é o rótulo de identificação social e uma marca de individualidade que, de alguma forma, transmite um adjetivo abstrato a seu portador. É um atributo voluntário transmitido ou, melhor dizendo, imposto pelos pais ao filho e que pode até abrir ou fechar portas durante a caminhada. (Obata, 1986. p.5).

Descobri que meu próprio nome me havia sido atribuído na expectativa de agradar às minhas duas avós que, respectivamente, se chamavam Helena e Maria. Sem dúvida, vim saber, mais tarde, que esse desejo fora alcançado pelo próprio sentido de união presente nas duas famílias. (Krom, 2000, p.25).

2ª técnica: (3ª sessão) **História profissional da família.** Pede-se para a pessoa buscar a história profissional da família, através de questionamentos:

- Profissão dos pais, dos avós e bisavós;
- Como foi a escolha dos pais? Escolheram o que queriam? O que gostariam de ter feito?
- Os pais sentem-se realizados profissionalmente?
- O que esperavam deles mesmos, profissionalmente? E o que espera para o filho?

Essa busca da história profissional da família é essencial, uma vez que os mitos familiares são transmitidos de geração em geração.

A aspiração de um pai é que o filho escolha determinada profissão e alcance uma situação de prestígio e o filho procura adequar-se, é necessário perguntar-se qual a

consigna dada pelos avós paternos ao pai para que este a transferisse ao filho, manifestando tal aspiração. (Ângelo e Andolfi, 1988, p.82).

3ª técnica: (4ª sessão) **Genoprofissiograma**. Pede-se que a pessoa construa a árvore genealógica da sua família, com pais, irmãos, avós, bisavós maternos e paternos, tios, primos e obtenha informações a respeito das escolhas profissionais.

O uso da árvore genealógica foi introduzido por Carter e McGoldrick (1995), contendo todo tipo de informação sobre os membros da família, em pelo menos três gerações, para poder entender o funcionamento familiar.

Os genogramas e as cronologias constituem úteis instrumentos. Eles proporcionam uma visão de um quadro trigeracional de uma família e de seu movimento através do ciclo de vida. (...). Os genogramas são retratos gráficos da história e do padrão familiar, mostrando a estrutura básica, a demografia, o funcionamento e os relacionamentos da família. Eles são uma taquigrafia utilizada para descrever os padrões familiares à primeira vista. (Carter e McGoldrick, 1995, p.144).

A árvore genealógica das profissões – o genoprofissiograma – foi criada por Soares (1997). Adaptou o genograma de Carter e McGoldrick, incluindo as profissões que os membros exercem, as que gostariam de exercer e as atividades de lazer, além de características pessoais, idade, casamentos, separações.

4ª técnica: (5ª sessão) **História de vida trigeracional**. Pede-se que a pessoa escreva sua história de vida, incluindo a história de seus pais e de seus avós paternos e maternos, trazendo junto algumas fotos destas pessoas e de situações importantes.

Através da história de vida trigeracional por escrito, pode-se visualizar os mitos familiares, os padrões estabelecidos e as repetições que ocorrem de geração em geração.

Uma informação verbal ou analógica sobre como se expressa atualmente o relacionamento entre um pai e um filho (que são identificados como segunda e terceira gerações respectivamente) contém um aspecto implícito e complementar que nos informa também sobre como um pai percebe hoje a relação passada entre ele mesmo e seu próprio pai, transportando o conteúdo emotivo da informação a um nível superior (entre a segunda e a primeira geração). (Ângelo e Andolfi, 1989, p.36).

Krom (1994) refere-se à entrevista trigeracional. Através dessa reconstrói-se as famílias de origem, no mesmo momento em que pode também expressar as características e situações que foram significativas, vividas entre elas. Possibilita a inserção num fluxo temporal, que apresenta as linhas do presente e do futuro parcialmente traçadas e baseadas em expectativas e exigências das gerações anteriores. Na reconstrução das histórias de suas famílias de origem é possível o reconhecimento de determinados conteúdos ocultos, conflitos não resolvidos, assim como o reencontro de seu próprio lugar no tempo.

5ª técnica: **Informação profissional**. Inicialmente a pessoa conhece o maior número possível de profissões, através de um jogo das profissões (anexo II – 6ª, 7ª e 8ª



sessão), que dá um breve conceito dos cursos. Após, seleciona algumas profissões de interesse e realiza uma pesquisa (9ª sessão), a princípio teórica (em guias de profissão e internet), contendo algumas informações básicas: qual o objeto de estudo, quais as matérias, as áreas de atuação, o mercado de trabalho, as universidades que oferecem o curso. A partir desses dados, levantam-se algumas reflexões e discussões sobre o(s) curso(s). Após essa pesquisa teórica, a participante vai a campo conhecer alguns profissionais e conhecer a faculdade (10ª e 11ª sessão).

“A informação tem tamanha importância dentro do processo de orientação profissional que nenhum processo pode ser considerado completo se não inclui, em alguma etapa deste, o fornecimento de informação com respeito às carreiras, ocupações, áreas de trabalho, demanda profissional”. (Bohoslavsky, 1998, p.141).

6ª técnica: (8ª sessão) **Atividades profissionais**. Pedese para o jovem assinalar quais atividades gostaria de desempenhar e listar, para cada item assinalado, aquelas profissões que supõe desenvolver tal tipo de atividade. Deve escolher três requisitos que mais gostaria de desenvolver e explicar porque se sentiria bem atuando dessa forma. (Soares, 1993, p.59)

- ( ) atendimento a pessoas;
- ( ) movimentação em ambientes fechados;
- ( ) trabalho com as mãos;
- ( ) trabalho em equipe;
- ( ) ligado a instituição;
- ( ) que envolva instrumento de precisão;

- ( ) organização e sistematização de publicações;
- ( ) pequenos movimentos manuais precisos;
- ( ) que permita trabalhar em mais de um lugar;
- ( ) que exija compreensão verbal;
- ( ) horário fixo;
- ( ) que envolva desenho a mão livre;
- ( ) desenvolvida em ambientes fechados;
- ( ) que exija estar bem vestido;
- ( ) convencer pessoas;
- ( ) atendimento a pessoas necessitadas;
- ( ) trabalhar sozinho;
- ( ) execução gráfica rica em detalhes;
- ( ) por conta própria – autônomo;
- ( ) manipulação de substâncias;
- ( ) uniformizado;
- ( ) horário livre;
- ( ) que permita traje informal;
- ( ) imaginar coisas novas;
- ( ) ajudar pessoas;
- ( ) que auxilie a transformação do mundo;
- ( ) ao ar livre;
- ( ) ligado à construção;
- ( ) direto com a natureza;
- ( ) que exija responsabilidade e decisão.

7ª técnica: (12ª sessão) **Entrevista sobre o futuro**. O objetivo é fazer a pessoa imaginar-se na profissão escolhida, imaginar-se atuando, sentir como é ser o profissional escolhido e explorar esses sentimentos. (Levenfus, 1997).

Para isto realizam-se algumas perguntas e as pessoas têm que responder como se o futuro fosse o presente. Por exemplo:

- Quantos anos você tem?
- O que você faz?
- Onde você trabalha? Quais suas atividades neste local?
- Você se sente realizada? Gosta de suas atividades?
- Você está casada? Tem filhos?
- Como está se mantendo? Está satisfeita com o retorno financeiro?
- Há quantos anos está formada?
- Como foi a faculdade? Você gostou?
- Se você pudesse voltar atrás teria feito a mesma escolha?
- Que conselho você daria à alguém que estivesse pensando em escolher esta profissão?

Para finalizar o processo de orientação profissional realizou-se um fechamento. Pediu-se para a pessoa escrever uma carta contando como foi o processo, com sugestões, elogios e críticas.

8ª técnica: (13ª sessão) **Estrutura e funcionamento familiar**. Essa sessão foi realizada posteriormente para colher alguns dados que estavam faltando. Pede-se para

completar um quadro de como ela imagina que cada membro vê o outro na família e qual papel cada um desempenha. Assim pôde-se verificar como as relações se estabelecem, quem se relaciona com quem, quem exerce determinada função.

Atividade: papel que cada um exerce na família.

---

Pai	Mãe	Daniel	Laura	Roberto	Fabiano	Eu
-----	-----	--------	-------	---------	---------	----

---

---

Atividade: como você acha que um vê o outro na família?

---

	Pai	Mãe	Daniel	Laura	Roberto	Fabiano	Ana Beatriz
Pai							
Mãe							
Daniel							
Laura							
Roberto							
Fabiano							
Ana Beatriz							

---

#### **4.4. Procedimento de coleta e análise dos dados**

Realizadas as sessões, estas foram transcritas. Após transcrever as sessões, cada mito identificado foi designado por uma cor no corpo do texto produzido (anexo III). Por exemplo, todas as frases referentes ao mito da ajuda e cuidado receberam cor rosa; as frases referentes ao mito da propriedade rural – verde; o mito da conquista – marrom; e o mito da união – laranja. Desta forma os mitos ficaram identificados e destacados.

Neste momento, sentiu-se a necessidade de realizar mais uma sessão (a 13ª), afim de conhecer a estrutura e o funcionamento da família de Ana Beatriz, para completar, esclarecer e reforçar os dados já obtidos.

Feita a sessão, o próximo passo foi organizar todos os dados obtidos, analisá-los e escrever o resultado. A unidade de análise privilegiada foi a frase, ou conjunto de frases. A partir de então, os dados foram sistematizados em três núcleos temáticos, quais sejam:

- I. Mitos presentes na família de Ana Beatriz.
- II. Estrutura e funcionamento familiar
- III. História da escolha e escolha propriamente dita.

Estes itens foram exemplificados com as falas de Ana Beatriz e discutidos à luz dos aspectos teóricos.

Os mitos foram identificados a partir da classificação de Krom (2000).

Os resultados serão apresentados no capítulo seguinte.

## 5. CAPÍTULO V – RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS

### 5.1. Resultado e discussão dos dados

Os mitos familiares de Ana Beatriz foram identificados quando trabalhou-se com a árvore genealógica, com a história de vida trigeracional, e as expectativas dos pais e avós (atividades que exercem ou que gostariam de exercer).

Logo após, sentiu-se a necessidade de conhecer e estudar a estrutura e o funcionamento familiar, ou seja, observar como a família funciona, qual é a dinâmica dessa família, como as relações acontecem, como ela se organiza e, principalmente como, Ana Beatriz é vista pelos membros da família e qual função ela exerce.

Diante da estrutura familiar pôde-se entender melhor os mitos e a escolha da profissão – uma vez que estes fazem parte da estrutura e funcionamento familiar – e ainda, identificar outros fatores que poderiam influenciar na escolha profissional de Ana Beatriz.

#### I. Mitos presentes na família de Ana Beatriz

Na sua família, as mulheres exercem uma função de ajuda e cuidado.

“minha mãe gosta muito de conversar com as pessoas, aconselha pessoas, fala um monte de coisas, acho que ela é alta psicóloga. Ela ajuda a Laura” (1ª sessão).

“a minha mãe, é bem assim, adora conversar com as pessoas, ajudar. (...) a vó era bem conselheira, conversava, ajudava pessoas (referindo-se a avó paterna)”. (2ª sessão)

“a avó materna adora remédios, de cuidar, quando as pessoas estão doentes ela vai fazer visitas, adora cuidar, medicar e, ela adora remédios, entende de remédios”. (3ª sessão)

“a família inteira tem a coisa da ajuda”. (4ª e 5ª sessão)

“é isso eu vi o quanto eu gosto de ajudar as pessoas, o quanto nós temos isso. Você sabe que minha mãe é coordenadora pastoral das crianças? As pessoas ligam para conversar com ela, para ajudá-las”. (9ª sessão)

Ao olhar para as atividades que as bisavós, avós e a mãe, exercem ou gostariam de exercer (3ª sessão), encontra-se donas de casa, professoras, ou atividades relacionadas à ajuda e cuidado.

---

Familiares (mulheres)	O que fez e O que gostaria de ter feito
Mãe (Ana Bernadete)	Professora, dona de casa, orientadora na pastoral. Gostaria de ter feito psicologia.
Avó paterna (Ana Paula)	Dona de casa. Adorava conversar, ajudar as pessoas e dar conselho.
Avó materna (Beatriz Ana)	Professora. Gostaria de ter feito enfermagem.
Bisavós (Ana/ Maria/ Ana/ Maria)	Donas de casa.

---

Analisando o genograma (anexo IV) observa-se que se estende também para tias e primas, podendo estar ligado ao **mito de ajuda e cuidado**, uma vez que a grande preocupação dos familiares é ajudar. Krom (2000) atribui ao mito da ajuda e cuidado a responsabilidade pelo cuidado dos membros familiares e a manutenção do seu bem-estar.

As atividades sofrem transformações, mas o mito permanece, ou seja, na família materna, a bisavó era dona de casa, a avó (1ª geração) professora do vilarejo, a mãe (2ª geração) seguiu como professora, mas, de uma escola maior e a Laura, filha (3ª geração) como psicóloga. Profissões essas ligadas à ajuda e cuidado.

Ainda olhando para os mitos, pode-se verificar a presença do **mito da propriedade rural**, nos homens: a preocupação com a terra, o trabalho ligado à terra. Ou então o trabalho com o comércio.

Krom (1994) coloca que o mito da propriedade rural tem como ponto básico a lealdade e a fidelidade à terra, necessitando de um compromisso, que implica a mobilização de recursos para sua manutenção e preservação.

“todos moravam em Urubici. Meu avô tinha fazenda (...) risos. Gado, cavalo, (...) risos” (1ª sessão)

“meu pai adora estudar geografia. Ele sabe tudo, você pergunta onde fica isso, ele sabe, ele se interessa, ele lê bastante, assiste canal geográfico, aquele dos animais e planeta animal (...) meu avô ele adora cavalos e vacas, animais grandes”. (3ª sessão)

“meus bisavôs eram pecuaristas, agricultores, trabalhavam com gado na agricultura, todos eles (...) todos homens eram pecuaristas e as mulheres donas de casa. Todos (os tios) são casados com filhos e nenhum perdeu o



contato com a fazenda, têm sítio, plantam. Todos são ligados a fazenda, rodeio, cavalo, vaca (...). Todos os meus primos que você pergunta o que quer fazer é tudo ligado ao campo, mesmo eles não entendendo muito das profissões”. (4ª e 5ª sessão)

Também pode-se perceber esse mito através das atividades que exercem ou das atividades que gostariam de exercer.

---

Familiares (homens)	O que fez e O que gostaria de ter feito
Pai (Tadeu)	Bancário (empréstimo rural) Gostaria de ter feito geografia.
Avô paterno (Cláudio)	Trabalhava no comércio e política.
Avô materno (Evandro)	Fazendeiro e agricultor. Gostaria de ter feito medicina veterinária ou agronomia.
Bisavôs (Pedro/ Manoel/ João/ Cirilo)	Agricultores.

---

Ao contextualizar o meio rural, observa-se que o comércio é uma consequência do plantio e da colheita, para aqueles que querem conquistar novas posições.

“meu avô tinha uma relojoaria, consertava relógios” (4ª e 5ª sessão)

Pode-se identificar aqui outro mito, o **mito da conquista**, presente no avô paterno (1ª geração), uma vez que este sai do trabalho no campo e abre uma relojoaria, querendo conquistar novos horizontes. No pai (2ª geração) quando também sai do campo e vai trabalhar em banco com empréstimo rural. E ainda no Daniel (3ª geração), irmão de Ana Beatriz, quando exerce o papel de sonhador, ambicioso e conquistador, que veremos posteriormente no próximo item sobre estrutura e funcionamento familiar.

“acho que ele (Daniel) puxa meu avô (pai do pai) ele era político, correto, justo, ambicioso, queria conquistar muitas coisas. Falava bem em público, lia muito, muito cultural”. (1ª sessão)

“eu vejo ele (Daniel) meio sonhador, não tem o pé no chão, ambicioso. A mãe vê o Dani como uma pessoa que está lutando para conseguir as coisas, como um conquistador.” (13ª sessão)

O mito da conquista segundo Krom (2000) determina maneiras de conquistar bens, posições ou outras situações.

Não se pode esquecer da grande influência dos aspectos culturais, onde o mito de ajuda e cuidado é freqüentemente encontrado nas mulheres e o mito da conquista e da propriedade é freqüentemente encontrada nos homens, devido a uma cultura já estabelecida e repassada através de gerações.

Ainda falando dos mitos presentes na família de Ana Beatriz encontra-se o **mito da união**. Este mito segundo a mesma autora, garante a perpetuação da família, favorecendo o pertencimento e a manutenção de padrões afetivos. A sua ausência, ou enfraquecimento

pode propiciar o afastamento dos membros familiares entre si, pondo em risco a própria perpetuação da família.

“eu vou sempre pelo menos uma vez por mês, não fico longe da mãe.” (1ª sessão)

“as separações, tem uma na família do pai, o irmão dele (...) minha família é bem unida estamos sempre fazendo festa, aí vão todos”. (4ª e 5ª sessão)

Pode-se dizer que essa família tem como **mito espinha dorsal – o mito da ajuda e cuidado**, presente nas mulheres e o **mito da propriedade rural**, presente nos homens. Os outros mitos, **os auxiliares**, são **os mitos da união e da conquista**. Mito espinha dorsal Krom (2000) norteiam a estrutura e o funcionamento da família, determinando o maior número de pautas ou regras familiares. E os mitos auxiliares são aqueles que vão determinar pautas complementares.

## **II. Estrutura e funcionamento familiar.**

Realizou-se uma sessão a posteriori, com a proposta de trabalhar a seguinte atividade: “Como você (Ana Beatriz) acha que cada membro da família vê o outro e qual o papel que cada um exerce na família?” Desta maneira pôde-se observar a dinâmica e funcionamento dessa família.

Conforme Minuchin (1990) a estrutura familiar é um conjunto invisível de exigências funcionais que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem. Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais.

Transações repetidas estabelecem padrões de como, quando e com quem se relacionar. Esses padrões reforçam o sistema e regulam o comportamento dos membros da família. Neste sentido, os indivíduos estabelecem subsistemas dentro do sistema família tais como, esposo-esposa, filho-filha, esposa-filho. Os subsistemas podem ser formados por geração, sexo, interesse ou por função.

Segundo Viorst (2001) além de explorar os mitos familiares, é preciso também estudar os papéis que o sistema mitológico da família impõe a cada um, os papéis criados para cada filho pelo pai, pela mãe ou por ambos.

O pai, nesta família, é visto como o provedor da casa, um exemplo de vida, de trabalho, de batalha, aquele que preocupa-se com a família e que sustenta a casa.

Reafirma-se aqui o mito da conquista.

“o pai é o centro da família, aquele que estrutura a família, na educação, no financeiro, preocupa-se com a família. Eu vejo o pai como uma pessoa que trabalhou bastante para conseguir tudo, com os estudos da família.”(13ª sessão)

A mãe já é vista como proteção, a amiga e companheira, reforçando o mito da ajuda e cuidado.

“a minha mãe, às vezes eu até acho que é meio problema, porque ela parece a galinha dos ovos de ouro, quer cuidar de todo mundo, muito coruja sabe. Paparica muito pra tudo. Sabe, eu acho que certas decisões a gente precisa tomar sozinhos pra aprender. A mãe está sempre ali

procurando, pelo fato de ela ser mais experiente, ela já vai mostrando os caminhos certos sem deixar a gente aprender. E ela é bem assim, quer proteger, bem mãe coruja, bem mãezona”. (13ª sessão)

A relação do casal é bastante sólida, um vê o outro como seu companheiro para a vida toda, que reforça o mito da união.

“eu gosto do casamento deles, são bem ... meu pai conversa bastante com minha mãe, são bem bonitinhos, parecem namorados, toda vez que meu pai chega do trabalho ele dá um beijo na minha mãe ... Às vezes ele vai lá no jardim pega uma rosa dá pra ela, eles saem bastante, têm uma vida social bem ampla. Apesar de meu pai ser mais fechado, mais acho que é com a gente, não com a mãe. Acho que eles se gostam bastante. O pai acho que vê a mãe como companheira para sempre, acho que a mesma coisa como minha mãe vê meu pai”. (13ª sessão)

O filho mais velho Daniel, é visto como o sonhador, o ambicioso, mas também como conquistador e amigo. (mito da conquista)

“eu vejo ele meio sonhador, não tem o pé no chão, ambicioso. A mãe vê o Dani como uma pessoa que está lutando para conseguir as coisas, como um conquistador.” (13ª sessão)

A Laura é vista como amiga, companheira e realizada, mas também como “cricri”.

“a Laura é a cricri, nunca vi encher tanto o saco, a pentelha ...” (13ª sessão)

O Daniel e a Laura estabelecem uma relação de amizade, são mais amigos e companheiros.

“a Laura e o Dani também se dão bem, pela idade (...) são amigos e companheiros”. (13ª sessão)

Depois vem o Roberto que é visto como o festeiro, o bagunceiro, mas estudioso.

“o Roberto a mãe vê como um festeiro também e estudioso e bagunceiro”. (13ª sessão)

Após o Roberto, vem o Fabiano, que é a ovelha negra da família, o irresponsável o malandrão.

“o Fabiano é fogo. Ele é muito irresponsável para a idade dele, bem gurizão, não estuda, não quer trabalhar, leva tudo na brincadeira. O pai pede para ele fazer as coisas, ele não faz. O Fabiano dorme o dia todo e depois vai estudar. Não faz nada nem por ele nem por ninguém. Na escola ele também não vai bem. Ele é inteligente, mas ele não é esforçado. Por ele passava o dia inteiro cuidando de cavalos, que é o que ele gosta. (...) Ele se acha a ovelha negra da família, ele mesmo já falou, ele acha que é todo errado”. (13ª sessão)

Portanto a mãe acaba realizando uma aliança com o Fabiano, uma forma de proteção, uma vez que ele é visto pelos demais membros da família como “ovelha negra”. Aliança, segundo Minuchin (1990), significa aliar-se, associar-se, a outro membro da família. Quando dois ou três membros aliam-se, opondo-se aos demais.

“o Fabiano tem uma ligação forte com a mãe, porque a mãe sempre o defende, pelo fato do pai criticar, e ela sempre acha um porque das coisas...” (13ª sessão)

Então por último vem a Ana Beatriz a CDF<sup>11</sup>, e a “neném da casa”, a “pequeninha”. Ana Beatriz tem um superenvolvimento – conforme (Miernont, 1994, p.389) superenvolvimento, ocorre quando duas ou mais pessoas apresentam maior proximidade, estão unidas e mais envolvidas – com o Roberto, eles mantêm a mesma relação que o Daniel e a Laura, de amizade e companheirismo. O Fabiano parece não ter muito espaço na relação com os irmãos. Vê a Ana Beatriz como intrusa, aquela que vem e rouba não somente o seu espaço mas também a amizade do Roberto. Pois o Fabiano vê o Roberto como um amigo, mas o Roberto não considera muito o Fabiano como amigo porque já estabeleceu a relação com a Ana Beatriz.

“nós começamos a nos dar bem ano passado (ela e o Fabiano). O que eu sentia é que ele me via como a intrometida, que eu não devia ter nascido (...) ele tinha três anos e eu cheguei. E é claro que um recém nascido pede mais atenção. Como tinha o Daniel e a Laura para cuidar dele, as pessoas

---

<sup>11</sup> CDF, expressão popular utilizada para designar alunos que tiram somente notas altas.

me paparicavam muito. Aí ele me falou que eu era intrometida. Ele falava: vida boa era antes da Beatriz nascer. Ele me vê como intrusa. (...) Ele (o Fabiano) se dá bem com o Roberto, que eles são quase da mesma idade... mas o Fabiano considera mais o Roberto do que o Roberto considera o Fabiano. O Roberto é o que eu tenho mais afinidade para conversar, fazemos parte da mesma turma. Assim, geralmente eu me interesso por um amigo dele e ele por alguma amiga minha... somos mais amigos, mais companheiros...” (13ª sessão)

Portanto, a relação das mulheres Ana Bernadete (mãe), Laura e Ana Beatriz é muito próxima. A mãe e a Laura são muito companheiras e para Ana Beatriz as duas exercem o papel de mãe. Fica Ana Beatriz com a posição de neném da casa, mas também como a cabeça de ferro (CDF).

“a Laura, acho que ela vê a mãe como um exemplo de vida. (...) A Laura vê a mãe como uma pessoa amiga, também elas vivem juntas o dia inteiro. (...) eu vejo minha mãe como meu centro, ela que conversa comigo, eu tenho uma ligação bem forte com ela. (...) eu e a Laura, conto com ela como uma segunda mãe, nós somos super amigas. Como você falou: eu, ela e a mãe temos uma ligação forte. (...) Eu me vejo como um neném da casa (em voz de neném).”(13ª sessão)

“com minha mãe sou bem próxima, converso bastante com ela”. (1ª sessão)



A expectativa em relação a Ana Beatriz é grande. Talvez até faça ela “abrir mão” neste momento, da medicina, que trás como “uma das” possibilidade de escolha profissional. Porque se ela não passa no vestibular de medicina acaba não cumprindo essa expectativa e não corresponde a visão de “CDF”, inteligente, determinada que a família atribui a ela.

“a cabeça de ferro da família? Eu. Essa é uma das coisas que me assusta, me preocupa. Eu sempre fui muito bem na escola e daí eles sempre esperavam muito de mim e eu tenho medo de decepcioná-los. E o Fabiano era totalmente o oposto de mim. Então meus pai me elogiava, me colocava como exemplo e criticava ele. Ele me odiava. (...) agora, o Dani me vê como uma pessoa responsável, dedicada, esforçada e tem medo desse peso, dessa expectativa”. (13ª sessão)

“pensei em primeiro fazer naturologia, vou trabalhando, junto dinheiro e faço psicologia e depois medicina”. (9ª sessão)

Ana Beatriz possui o nome da avó materna (Beatriz Ana), porém invertido. A escolha do nome próprio, vem cheio de expectativas. Muitas vezes dado para representar ou “substituir” alguém da família (vivo ou falecido); por ser nome religioso; ou de pessoas famosas, bem-sucedidas; e até mesmo pelo significado do nome.

Berenstein (1988) afirma que a indicação do nome pode se referir a um sentimento familiar, a um sentimento religioso, à moda, à praticidade ou serve para denominar um representante familiar significativo. Os nomes são dados no seio do grupo familiar e cada um dos nomes têm uma razão, às vezes diferente, nas diferentes famílias, sendo habitual

dar aos filhos o mesmo nome dos pais, dos avós. Exemplifica: Lorenzo Francisco nasceu no começo do século num país europeu. Seu pai chamava-se Lorenzo e quando aquele era ainda pequeno, vieram ao Brasil e estabeleceram uma pequena indústria. Lorenzo Francisco cursou uma universidade, mas não exerceu sua profissão. Tal como lhe destinara o pai, passou a dirigir a indústria. Deu novo impulso e desenvolveu a pequena empresa paterna.

“meus pais colocaram esse nome em mim, porque a mãe da mãe é Beatriz. E porque a mãe do pai é Ana. Mas o que acabou acontecendo é que a mãe da mãe é Beatriz Ana. As pessoas me chamam de Beatriz e chamam minha avó também de Beatriz.” (2ª sessão)

Esta avó, que possui seu mesmo nome (Beatriz Ana) e ainda se autodenominavam com o mesmo nome Beatriz, gostaria de ter feito enfermagem.

“é a avó materna...ela não conhece as profissões, mas ela acha que ela daria bem em enfermagem, ele adora remédios, de cuidar, quando as pessoas estão doentes ela vai fazer visitas, adora cuidar, medicar e, ela adora remédios, entende de remédios”. (3ª sessão)

Foi então, a partir do estudo da estrutura e funcionamento da família de Ana Beatriz, que observou-se a expectativa que os membros atribuem a ela e pôde-se entender melhor os motivos que levaram a participante realizar tal escolha e não qualquer outra que envolvesse ajuda e cuidado.

### III. História da escolha e escolha propriamente dita.

Expressando suas idéias sobre a escolha de uma profissão num primeiro momento

Ana Beatriz coloca:

“Desde pequena sempre quis medicina, mas hoje, já não sei, porque tem que se dedicar muito. Acho que é muito estudo, não pode se dedicar à família, é difícil tudo. É complicado mexer com a vida das pessoas, morte”. E continua: “sempre fui fanática por biologia, e as pessoas associavam biologia com medicina, ‘vai ser médica então’, diziam as pessoas. Também pensei em direito, meu irmão é advogado e fala muito da profissão. Acho o direito interessante, mas que não quero um trabalho isolado, quero que envolva pessoas com álcool e drogas, quer ajudar pessoas, dar carinho e atender”.

Iniciou-se o trabalho com o levantamento das questões familiares.

O primeiro passo foi investigar a história de seu nome próprio. Segundo Obata (1986), seu nome significa<sup>12</sup>: “pessoa tem compaixão e usa sua inteligência, privilegiada, para vencer as dúvidas do dia a dia e também para ajudar os amigos com excelentes conselhos. Consegue muito sucesso na vida, sua intuição lhe garante boas escolhas nos

---

<sup>12</sup> Por questões de ética profissional os nomes foram alterados, mas os significados permaneceram.

estudos, na profissão e no amor” (p.52). Analisando o significado de seu nome, pode-se relacionar com a história familiar de Ana Beatriz, – com seus mitos familiares, principalmente o de ajuda e cuidado e com a expectativa que os mesmos atribuem a ela, de ser inteligente.

“é (...) eu sou bem assim, adoro ajudar. (risos)” (referindo-se ao nome).

“o nome da mãe, graça e clemência, que tem compaixão. É minha mãe, é bem assim, adora conversar com as pessoas, ajudar. O do pai é varão, viril. Minha avó paterna, Beatriz, era dona de casa, fazia tricô, crochê, costurava, era bem calma (...) eu acho que eu tenho mais da avó paterna, no jeito de ser, mais calma, mais queridinha, conselheira. Ela sempre me defendeu, eu era o xodó dela. Mas me lembro pouco, morreu quando eu tinha seis anos. Já a avó materna é cheia de doença. Ela é mais fechada, vive reclamando de doenças, dói aqui, dói ali e eu não gosto. Agora quanto aos nomes na família da mãe tudo é Ana e “ete” Bernadete, Margarete. Na família do pai é tudo nome de santo, eles eram muito católicos. O meu irmão Daniel, é bem assim, bem afobado, não tem paciência de esperar. O Fabiano sempre saía perdendo e o Roberto o que fala demais”.

Já ao resgatar a história profissional da família, o genoprofissiograma (anexo IV) e a história de vida trigeracional (anexo V) pode-se perceber e identificar melhor seus mitos familiares.

“A **Mãe** Ana Bernadete. Profissão: professora primária e diretora. Ela tem vontade de fazer uma faculdade de psicologia, porque gosta do ponto de vista e da forma como são explicadas as coisas através desta ciência. Também porque ela gosta de ajudar e conversar e perceber como são as relações humanas e perceber como as coisas influenciam na vida das pessoas. Não fez faculdade porque casou nova, logo teve os filhos e tinha que cuidar da casa, do trabalho, dos filhos. Devido a profissão do meu pai eles se mudaram consecutivas vezes e nas cidades em que moravam não tinha faculdade.

O **Pai** Tadeu tem vontade de fazer administração porque está ligada ao seu trabalho e geografia porque gosta de saber sobre as localizações, vegetação, modo de vida, economia, política e principalmente os animais que habitam as regiões e como eles vivem. Não cursou porque começou a trabalhar e não tinha faculdade por perto e meu pai não tinha condições financeiras.

A **Avó materna** Beatriz Ana ela acha que gostaria de fazer enfermagem ou alguma coisa ligada à saúde. Ela gosta de conversar, de entrar em contato com as pessoas, de medicar, de saber sobre as doenças, os sintomas. Não exerceu a profissão, porque fez só até a quarta série, morava no sítio e na época as mulheres não se importavam muito com os estudos.

O **Avô materno** Evandro. Profissão: fazendeiro e agricultor. Adora cavalos, o gado, a fazenda, se fizesse um curso seria veterinária ou

agronomia, ele gosta das plantas e animais. Não exerceu pelo mesmo motivo da minha vó.

**A Avó paterna:** Ana Paula

Artes, culinária, bordado. Adorava conversar e dar conselho às pessoas.

**Avô paterno:** Cláudio. Político, 8 instrumentos musicais. Comércio”.

(Tarefa trazida por Ana Beatriz sobre história profissional da família).

Ao estudar a família do pai, todos os homens exceto ele, sofreram de abuso de álcool.

“o tio Pedro casado com a Valquiria, trabalhava no correio, tinham uma vida muito boa, mas aí ele começou a beber, e tornou-se um alcoólatra (...) Aí tem o tio Cláudio que casou com a tia Eli. Ele também tornou-se um alcoólatra (...) os tios Pedro, Cláudio e Saul, que morreram da bebida (...) agora o tio Antônio, que também bebia, mas não morreu da bebida, saiu da bebida”. (4ª e 5ª sessão)

Perguntou-se a ela, se já havia pensado em psicologia, e ela diz que pensa, pois sua irmã é psicóloga e a mãe gostaria de ter feito psicologia, mas ela não entende muito da profissão. E fala, que cada dia pensa em uma coisa, história, biologia...para ser professora. Professora como as avós e a mãe, e a história, do avô paterno. Diz que se fosse professora ela seria uma pessoa feliz, mas ela quer mais para vida dela.

Ao longo dos atendimentos colocou que também pensou em fazer medicina veterinária, porque gosta de animais, no entanto teria nojo de atendê-los.

Trouxe então, a idéia de naturologia aplicada, mas sempre acabava falando da medicina. E aos poucos ela foi definindo a área, chegou a conclusão: deveria escolher uma profissão da área das humanas, saúde, que envolvesse contato com pessoas. Naturologia aplicada, psicologia, medicina, enfermagem.

Parece que a família tem necessidade de ter um médico entre seus membros – talvez pelo grande número de usuários e abuso de álcool na família de origem do pai e, pela avó materna que está sempre doente – pois o Roberto prestou vestibular para medicina, que também é visto como estudioso, o Fabiano pensa em fazer medicina veterinária, para trabalhar com cavalos, que integra os dois mitos, da ajuda e cuidado e da propriedade rural. Porque agrônomos, agricultores também são cuidadores da terra.

“minha mãe, ah ela acha legal (...) risos. (referindo-se a medicina). É que a minha mãe se fizesse vestibular faria psicologia. Ela acha que medicina e psicologia tem coisa a ver (...) o Roberto fez vestibular para medicina e falou que se passasse era bom. Mas era só para preencher o cartão do vestibular.. (1ª sessão)

“ela (referindo-se a avó materna) vive reclamando de doenças, dói aqui, dói ali. De certo ela queria ser médica (...) coitada!” (2ª sessão).

“eu não queria que ela (avó materna) fosse assim, cheia de doenças (...) achando doenças”(4ª e 5ª sessão).

Neste momento Ana Beatriz estava bastante ansiosa e preocupada com sua escolha profissional e perguntou a opinião da terapeuta. Esclareceu-se que o papel da terapeuta era apenas o de orientá-la, que esta estava ali a auxiliando como co-participante do processo, e

não lhe daria uma resposta pois isso caberia somente a ela decidir. Perguntou então, quais os mitos encontrados em sua família. Colocou-se a preocupação das mulheres em cuidar e ajudar e a ligação dos homens com a terra e o comércio.

Realizadas as sessões sobre família, iniciou-se o jogo das profissões fazendo um levantamento das profissões que interessavam Ana Beatriz, que foram: naturologia, psicologia, medicina, enfermagem, biologia, artes cênicas, direito e história. Destas foram selecionadas as profissões que gostaria de conhecer através de visita à faculdade e conversar com profissionais. Foram selecionadas: psicologia, medicina, enfermagem e naturologia.

O próximo passo foi então a visita às Universidades. Aqui vale ressaltar que a presença do terapeuta é fundamental neste momento de contato com os profissionais. Fica-se atento a forma como o profissional recebe o aluno, como conduz a entrevista e o conteúdo que lhe é transmitido. Percebe-se também o interesse do aluno a cada profissão, seus questionamentos, afim de avaliar possíveis medos, angústias, idéias e preconceitos. Neste sentido, que a proposta aqui desenvolvida é uma intervenção de co-participação no processo de orientação profissional, onde os conceitos do terapeuta sobre as profissões e os conceitos dos profissionais visitados interligam-se com os conceitos da participante.

Na visita à Faculdade de Enfermagem, a coordenadora mostrou-se bastante interessada e motivada em conversar sobre o curso e sobre a profissão. Já na Faculdade de Medicina, fomos atendidos pelos acadêmicos, que fizeram bastante críticas ao curso, mostraram-se descontentes e incertos quanto a escolha da profissão. Na Faculdade de Psicologia, conheceu-se apenas a clínica de psicologia, as salas de atendimento e as maiores orientações foram dadas pela terapeuta. Na Faculdade de Naturologia Aplicada, conheceu-se os laboratórios, conversou-se com a coordenadora e com os alunos. Ana



Beatriz também se mostrou bastante interessada, mas achou que poderia fazer esta faculdade mais tarde, depois de estar exercendo a enfermagem, como complemento à mesma.

Parece que estas circunstâncias também fizeram com que Ana Beatriz optasse por enfermagem.

Esclarecido seus mitos, realizadas as visitas, Ana Beatriz chega à 12ª sessão, a última, a princípio, falando que já tinha decidido, escolheria enfermagem.

Foi realizada então a técnica de entrevista sobre o futuro (anexo VI) e percebeu-se a necessidade de entender a estrutura e o funcionamento da sua família.

Portanto escolher enfermagem pode ter relação com o mito da ajuda e do cuidado, e ainda, segue o desejo da avó materna, da qual carrega o nome, e corre menos risco de não cumprir com a expectativa de CDF<sup>13</sup> que a família atribui a ela, não decepcionando seus familiares. E ainda, tem possibilidades de realizar um outro desejo, de trabalhar com usuários de álcool e drogas.

“porque acho que também tem a ver, vou ter mais contato com as pessoas que o próprio médico. E é isso que eu quero. Contato com pessoas, medicamento, tal...” (referindo-se à enfermagem) (9ª sessão).

“desde pequena sempre quis medicina, mas hoje já não sei, porque tem que se dedicar muito. Acho que é muito estudo”. (1ª sessão)

“é, a medicina é algo que eu gosto, vou tentar passar, mas...” (6ª e 7ª sessão)

---

<sup>13</sup> CDF, expressão popular utilizada para denominar alunos que só tiram notas altas.

“os dois que realmente mais gostei foi medicina e enfermagem. Aí medicina eu ainda penso em fazer, mas agora estou mais preparada para fazer enfermagem, porque é difícil. Fiquei com medo não só do vestibular, mas depois também. Medicina envolve muita responsabilidade, está totalmente ligado à vida das pessoas. E daí eu achei complicado essa situação. Tive muitos receios... mas depois quem sabe, se eu puder pagar ou se eu tiver condições de passar na federal mesmo”. (12ª sessão)

“nossa, eu acho que enfermagem é muito legal, eu tenho uma amiga e pelo que ela estava falando, é muito mais contato que o médico. O enfermeiro faz praticamente tudo (...) eu também gosto da parte mais de diagnóstico, mas eu acho que entre diagnosticar e medicar uma doença e ajudar a curar essa doença, com contato, eu prefiro o contato (...) eu acho que é uma profissão muito humana, você se envolve totalmente na vida. Eu imagino eu cuidando do paciente, dando banho, faz tudo que o paciente não pode fazer, faz tudo por ele, então você é fundamental na vida dele, no momento em que ele está ali no hospital. E é isso que eu quero, ser importante para alguém, ajudar alguém, eu quero significar alguma coisa. (...) Assim, fazendo uma comparação, o médico é o pai, aquele que orienta e o enfermeiro é o irmão, aquele que está junto, que ajuda”. (12ª sessão)

Dentre os outros irmãos, o Daniel segue a política e o comércio do avô paterno e do pai, fazendo Direito. A Laura realiza o desejo que a mãe tem de cursar psicologia, o Roberto e o Fabiano, realizam a agronomia, do avô materno e dos bisavôs. E a Ana Beatriz realiza a enfermagem da avó materna, e integra o mito.

Ao fim das sessões Ana Beatriz encontrou resposta para sua dúvida, após conhecer sua família, seus mitos familiares e as profissões, pôde, pelo menos no momento, realizar uma escolha mais madura e ajustada<sup>14</sup>. Escolher enfermagem, faz sentido com seus mitos familiares e com a estrutura e funcionamento de sua família, realizando vários desejos e expectativas.

“Quero te agradecer, pela ajuda que você me proporcionou, nesses últimos meses. Cheguei no consultório sem saber o que faria no vestibular e hoje, tenho a certeza que fiz a escolha certa. No começo, estava tudo muito confuso, às vezes eu me imaginava fazendo medicina, depois queria direito, psicologia, na verdade eu não conhecia, nem sabia o que queria. Com nossos encontros, fui conhecendo as profissões, a mim mesma, a minha família, e assim pude fazer a melhor escolha. Agora eu conheço cada uma delas e sei o que faz, e me imagino fazendo enfermagem. Um curso que no começo pensei que não se encaixa no meu perfil. Conhecendo as profissões e o que faz uma enfermeira, hoje já me sinto uma, é como se eu estivesse cursando e feliz com que estou fazendo. Obrigada pela sua ajuda e pelo bom trabalho que desenvolveu comigo, agora estou feliz e decidida. Beijos, Beatriz”. (12ª sessão). (Carta escrita por Ana Beatriz)

---

<sup>14</sup> Madura porque conheceu seus mitos familiares, e ajustada porque adequou seus mitos a seus interesses pessoais.

## 6. CAPÍTULO VI - FINALIZANDO

### 6.1. Considerações finais

Respondendo o problema de pesquisa que norteou este estudo – **a relação entre mito familiar e escolha profissional** – verificou-se que a escolha da profissão está relacionada com os mitos familiares, cujo conhecimento auxilia na escolha da mesma e pode proporcionar uma decisão mais madura e ajustada<sup>15</sup>.

A presença do mito de ajuda e cuidado, presente na família de Ana Beatriz por parte principalmente das mulheres, teve grande importância no momento dela escolher sua profissão. Ao conhecer seus mitos familiares, Ana Beatriz identificou que gostaria de realizar um curso na área de humanas ou saúde, espaço na qual ela pudesse estar em contato com pessoas, cuidando e ajudando-as. Diante do mito de ajuda e cuidado, tinha as seguintes opções: medicina, naturologia aplicada, psicologia e enfermagem.

É importante incluir na discussão da presença do mito de ajuda e cuidado os aspectos históricos, uma vez que os mitos levam marcas culturais. A partir de dados sócio-históricos citados anteriormente, sobre a educação da mulher, pode-se entender porque as mulheres frequentemente exercem uma função mais cuidadora que os homens. Mesmo nos dias de hoje ao sair de casa para atuar no mercado de trabalho a grande maioria ainda escolhe profissões que envolvam algum tipo de ajuda e cuidado.

Mostrou bastante interesse por medicina, mas acabou optando por enfermagem por ser mais fácil passar no vestibular e por não precisar de tanto estudo e dedicação, em

---

<sup>15</sup> Só podemos verificar se Ana Beatriz realizou uma escolha madura e ajustada a longo prazo. No entanto, neste momento faz-se esta afirmação porque a participante conseguiu se conhecer e identificar seus gostos, interesses, aspirações e ajustá-los com seus mitos familiares e com a sua estrutura e funcionamento familiar.

comparação à medicina. Ao buscar mais informações estudando-se a estrutura e o funcionamento familiar, percebeu-se que Ana Beatriz era vista pelos demais membros da família, como a CDF, a inteligente, apresentando em relação a ela grande expectativa. Através do estudo destes aspectos, acreditou-se que o medo de não cumprir com esta expectativa fez Ana Beatriz “abrir mão” da medicina, pelo menos naquele momento.

Neste sentido, estudar a estrutura e funcionamento familiar pode-se entender os motivos que levaram Ana Beatriz a escolher enfermagem, e não qualquer outro curso da área da saúde, ainda que relacionado com o mito da ajuda e cuidado.

Outro fator importante a ser considerado, e que revela expectativa em relação a participante, ou até mesmo denotar sua missão, é que Ana Beatriz recebe o nome invertido de sua avó materna, que gostaria de ter cursado enfermagem. Parece que os filhos desta família acabam realizando as expectativas dos pais e até realizando os desejos dos mesmos e, ao mesmo tempo, seguindo os mitos familiares. Laura realiza o desejo da mãe de cursar psicologia e segue o mito de ajuda e cuidado. Daniel realiza, talvez, o desejo do avô paterno, o avô político, cursando Direito e segue o mito da conquista. Demonstra ambição e quer conquistar muitas coisas – presente no avô paterno quando sai da vida no campo e abre uma relojoaria, e no pai que também “abandona” o campo e vai trabalhar com empréstimo rural. Porém, o pai ainda encontra uma profissão que esteja relacionada com o outro mito presente na família – o mito da propriedade rural – o qual pode-se perceber claramente no Roberto e no Fabiano, ao escolherem como profissão, respectivamente, a agronomia e a medicina veterinária.

Assim, ao escolher enfermagem, Ana Beatriz sofre influência do mito familiar de ajuda e cuidado, realiza o desejo da avó materna da qual carrega o nome e corre menos riscos de decepcionar seus familiares. Pode-se ver através deste caso, como os mitos e a

estrutura familiar nortearam e definiram a escolha profissional. E o conhecimento destes não somente auxiliaram, mas proporcionaram uma escolha mais madura e ajustada.

É neste sentido que deixa-se como sugestão aos orientadores profissionais, desenvolver um trabalho que explore mais profundamente as questões familiares. A Teoria Sistêmica tem muito a contribuir à orientação profissional.

O profissional não pode apenas em questionar a profissão dos pais e observar se o adolescente possui a intenção de seguir a mesma carreira, opor-se a ela ou ainda realizar um desejo dos pais. Na grande maioria, no processo de orientação profissional acredita-se estar trabalhando a influência da família somente levantando estes questionamentos. Sugere-se ao terapeuta aprofundar seu trabalho, e transformar a orientação profissional em um processo de psicoterapia, focada na escolha, explorando as questões familiares, a história de vida profissional, o genograma, os mitos familiares, a dinâmica familiar.

Não se pode ver o indivíduo segmentado, o ser humano é um ser totalizado, integrado num contexto de um todo maior. Ao escolher a profissão, carrega consigo as regras, os mitos familiares, o papel que exerce na sua família, as missões, a delegação, as expectativas que foram atribuídas a ele. E este conjunto, influencia na escolha profissional.

A Orientação Profissional não pode mais ser vista como um conjunto de técnicas, facilmente encontradas e aplicadas. Realizar grupos de orientação profissional, tornou-se algo muito fácil e rápido de realizar. Com base em alguns pressupostos, junta-se um grande número de pessoas e aplica-se algumas técnicas, sem levar em conta as particularidades de cada indivíduo. O jovem precisa se conhecer, conhecer sua família, seus mitos familiares, ele precisa ter clareza ao escolher a profissão, dos motivos que o levaram a realizar esta escolha. Assim, ele estará realizando uma escolha madura e ajustada. Madura porque se conhece e sabe os motivos que o levaram a escolher e ajustada porque ao se conhecer,

ajusta seus gostos, interesses, aptidões aos mitos familiares e à estrutura e funcionamento familiar.

Aos terapeutas sistêmicos, deixa-se como sugestão, explorar a escolha profissional e a satisfação profissional de seu cliente. Uma vez que a Teoria Sistêmica vê o ser humano como um ser integrado. O indivíduo pode apresentar um sintoma por estar insatisfeito com sua escolha profissional e esta insatisfação irá interferir em todos os aspectos de sua vida. O terapeuta precisa resgatar com seu cliente como a escolha profissional aconteceu, e perceber se esta escolha está relacionada com seus mitos familiares e com a dinâmica familiar.

Pensar nesta proposta é entender o ser humano como um ser em inter-relação e integração, sem deixar de considerar que a decisão profissional entrelaça-se com todas as áreas de vida do indivíduo, seja a familiar, a social, a pessoal, a emocional. É pensar num ser sistêmico, integrado e totalizado.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andolfi, M. (1996). A terapia familiar: Um enfoque interacional. Campinas: Workshopsy.

Andolfi, M. e Ângelo, C. (1988). Tempo e mito em psicoterapia familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.

Andrade, T.D. (1997). A família e a estruturação ocupacional do indivíduo. In Levenfus, Rosane. A psicodinâmica da escolha profissional. Porto Alegre: Artes Médicas.

Ariès, P. (1981). História social da criança e da família. Rio de Janeiro: Guanabara.

Bagarozzi, D. & Anderson, S. (1996). Mitos personales, matrimoniales y familiares. Barcelona: Paidós.

Bateson, G. (1986). Mente e natureza. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Berenstein, I. (1988). Família e doença mental. São Paulo: Escuta.

Bohoslavsky, R. (1983). Vocacional: Teoria, técnica e ideologia. São Paulo: Cortez.



\_\_\_\_\_. (1998). Orientação vocacional: Estratégia clínica. São Paulo: Martins Fontes.

Boltanski, L. (1977). Prime éducation et morale de classe. Paris: La Haye.

Bowen, M. (1978). Family therapy in clinical practice. New York: Aronson.

Bueno, D. (2001). Manual de publicação da American Psychological Association. Porto Alegre: Artes Médicas.

Capra, F. (1999). A teia da vida. São Paulo: Cultrix.

Carter, B. e Mc Goldrick, M. (1995). As mudanças no ciclo de vida familiar. Porto Alegre: Artes Médicas.

Cervený, C.M.O. (2001). A família como modelo. São Paulo: Livro Pleno.

Cervený, C.M.O. e Berthoud, C.M.E. (1997). Família e ciclo vital. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Dias, M.L. (1995). Família e escolha profissional. In Bock, A.M.B. A escolha profissional em questão. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Eliade, M. (1972). Mito e realidade. São Paulo: Perspectiva.

Elkaïm, M. (2000). Se você me ama, não me ame. Campinas: Papirus.

Feinstein, D. E Krippner, S. (1992). Mitologia pessoal. São Paulo: Cultrix.

Ferreira, A. B. H. (1977). Minidicionário Aurélio. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Filomeno, K. (2002). Da Cibernética à Teoria Familiar Sistêmica. Monografia de especialização. Movimento – Instituto e Clínica Sistêmica de Florianópolis.

Gabel, C.L.M. (2002). Mitos familiares e escolha profissional: um estudo junto aos estudantes do curso de psicologia da Universidade Regional de Blumenau com descendência germânica. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina.

Gomes, D.M. (2002). Mitos familiares: Memória e ocultação. Uma abordagem relacional sistêmica. Taubaté: Cabral.

Krom, M. (1994). Leitura e diferenciação do mito. São Paulo: Summus.

Krom, M. (2000). Família e mitos, prevenção e terapia: Resgatando histórias. São Paulo: Summus.

Laville, C. e Dione, J. (1999). A construção do saber. Porto Alegre: Artes Médicas.

Levenfus, R. (1997a). A psicodinâmica da escolha profissional. Porto Alegre: Artes Médicas.

\_\_\_\_\_. (1997b). O ato de escolher In Levenfus, R. A psicodinâmica da escolha profissional. Porto Alegre: Artes Médicas.

\_\_\_\_\_. (1997c). Orientação vocacional ocupacional, abordagem grupal In Levenfus, R. A psicodinâmica da escolha profissional. Porto Alegre: Artes Médicas.

\_\_\_\_\_. (1997d). Orientação vocacional ocupacional: À luz da psicanálise In Levenfus, R. A psicodinâmica da escolha profissional. Porto Alegre: Artes Médicas.

\_\_\_\_\_. (1997e). Os lutos da escolha profissional In Levenfus, R. A psicodinâmica da escolha profissional. Porto Alegre: Artes Médicas.

Lewin, K. (1948). Resolving social conflicts. New York: Harper & Row.

Mcnamee, S. e Gergen, K. (1998). A terapia como construção social. Porto Alegre: Artes Médicas.

Miermont, J. (1994). Dicionário de terapias familiares. Porto Alegre: Artes Médicas.

Minuchin, S. (1990). Famílias, funcionamento e tratamento. Porto Alegre: Artes Médicas.

Neiva, K. M. C. (1995). Entendendo a orientação profissional. São Paulo: Paulus.

Obata, R. (1986). O livro dos nomes. São Paulo: Círculo do Livro.

Ramos, e Rodrigues, S. G. (1997). Programa profissão: Desejo e realidade – uma experiência em orientação profissional In Anais do III simpósio brasileiro de orientadores profissionais.

Reuchlin, M. (1971). Os métodos em psicologia. São Paulo: Difusão Européia do Livro.

Rivera, C.V. (15/05/2001). Los mitos em la terapia de família. [www.campogrupal.com](http://www.campogrupal.com)

Soares, D. H. L. (1993). Pensando e vivendo a orientação profissional. São Paulo: Summus.

\_\_\_\_\_. (1996). Choix professionnel: Projet des parents – projet des adolescents. Tese de Doutorado. Universidade Louis Pasteuur, Strasbourg, França: Editions du Setentrion.

\_\_\_\_\_. (1997). Abordagem genealógica a partir do genoprofissiograma e do teste dos três personagens In Levenfus, R. A psicodinâmica da escolha profissional. Porto Alegre: Artes Médicas.

\_\_\_\_\_. (2002). A escolha profissional: Do jovem ao adulto. São Paulo: Summus.

Soares, D. e Levenfus, R. (2002). Orientação vocacional ocupacional. Novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artes Médicas.

Stierlin, H. (1980). Adolf Hitler: Etude psychologique. Paris: Perspectives Critiques.

Ungricht, J. (1986). Escolha da profissão: escolha da vida. São Paulo: Mestre.

Vasconcelos, M.J.E. (1995). Terapia familiar sistêmica: Bases da cibernética. São Paulo: Editorial Psy.

Viorst, J. (2001). Perdas necessárias. São Paulo: Melhoramentos.

Whitaker, A. & Bumbry, W. (1990). Dançando com a família. Porto Alegre: Artes Médicas.

Whitaker, D. (1985). A escolha da carreira. São Paulo: Moderna.

## **ANEXOS**

## ANEXO I

Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-Graduação em Psicologia  
Laboratório de Informação e Orientação Profissional

### Terma de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)

Meu nome é Karina Filomeno e estou desenvolvendo a pesquisa: “Mitos familiares e escolha profissional: uma proposta de intervenção focada na escolha profissional à luz de conceitos da Teoria Sistêmica”, com o objetivo de avaliar a influência da família frente a escolha profissional.

Este estudo é necessário porque contribuirá no desenvolvimento de novas técnicas e formas de trabalho em orientação profissional. Será realizado um estudo de caso, utilizando algumas técnicas da Teoria Sistêmica e da Orientação Profissional. Isto não trará riscos ao envolvido e esperamos que o participante sinta-se, após o desenvolvimento dos encontros, melhor preparado para escolher a profissão. Se você tiver alguma dúvida em relação ao estudo ou se não quiser mais fazer parte do mesmo, pode entrar em contato pelo telefone 249-6428.

Assinatura \_\_\_\_\_

Karina Filomeno

Orientador \_\_\_\_\_

Dulce Helena Penna Soares

### Consentimento Pós-Informação

Eu, \_\_\_\_\_, fui esclarecida sobre a pesquisa: “Mitos familiares e escolha profissional: uma proposta de intervenção focada na escolha profissional à luz de conceitos da Teoria Sistêmica” e concordo que meus dados sejam utilizados na realização da mesma. Assim como autorizo utilizar meu nome, bem como de minha família tendo conhecimento dos objetivos.

Florianópolis, \_\_\_\_ de junho de 2002.

Assinatura: \_\_\_\_\_ RG: \_\_\_\_\_.

## ANEXO II



Lida com a saúde dos animais, tanto de pequeno porte, como de grande porte. Faz atendimento clínico, cirúrgico e de reprodução. Também trabalha com prevenção e tratamento de doenças ou epidemias. Ao trabalhar com a saúde dos animais, ajuda a prevenir doenças em seres humanos.

Resposta: Medicina Veterinária.

Este profissional estuda a estrutura e o funcionamento de fungos, vírus e bactérias, para combater seus efeitos e utilizá-los em benefício do homem, das plantas e dos rebanhos. Além, desta área de imunologia, estuda-se também a utilização de seres microscópicos na indústria de alimentos, para a fermentação da cerveja, do vinho ou do queijão, por exemplo. Podem atuar ainda, avaliando os níveis de poluição e combatendo a contaminação da água.

Resposta: Microbiologia e Imunologia.

Esta área de estudo destina-se ao tratamento de doenças e patologias através da música. Sons, ritmos e melodias constituem os instrumentos básicos para tratar pessoas com distúrbios de personalidade, problemas psicológicos e deficiência mental ou física. Trabalha-se também com programas de assistência a menores abandonados ou pessoas envolvidas com drogas.

Resposta: Musicoterapia.

O estudo dos recursos da natureza cobrado em prática. Visa promover o uso de ferramentas naturais de prevenção, manutenção e expansão da saúde humana de uma forma integral, estimulando a harmonia do homem consigo mesmo, com os seus semelhantes e com o meio ambiente.

Resposta: Naturologia Aplicada.

Este profissional faz a interação entre o homem e o alimento, visando melhorar a qualidade de vida e as condições de saúde da população. Para isso, planeja, administra e coordena programas de nutrição e regimes alimentares em empresas, escolas, hospitais, hotéis.

Resposta: Nutrição.

Este profissional estuda os seres animais e vegetais, o ambiente e os processos marinhos. coleta e interpreta informações sobre as condições físicas, químicas, biológicas e geológicas dos ambientes aquáticos. Analisa a composição da água de rios, mares, lagoas e desenvolve técnicas de exploração dos recursos minerais naturais.

Resposta: Oceanografia.

## ANEXO III

Frases referentes ao mito da ajuda e cuidado

Frases referentes ao mito da propriedade rural

Frases referentes ao mito da união

Frases referentes ao mito da conquista

T: Terapeuta

AB: Ana Beatriz

### 1ª sessão

T: explico meu trabalho, o que é o projeto, a importância da família e falo um pouco sobre mitos.

AB: eu fazia O.P. na escola, fiz quatro sessões, mas não gostei por ser em grupo.

T: pedi para falar da escolha, como ela está, se tem alguma ideia em relação a escolha do curso.

AB: desde pequena sempre quis medicina, mas hoje já não sei, porque tem que se dedicar muito. Acho que é muito estudo, não pode se dedicar a família, é difícil tudo. É complicado mexer com a vida das pessoas, morte.

T: aqui eu falo do quanto a medicina tem esse rótulo. E pergunto: porque medicina?

AB: sempre fui fanática por biologia, e as pessoas associavam biologia com medicina, “vai ser médica então”, diziam as pessoas. Também pensei em direito, meu irmão é advogado e fala muito da profissão.

T: qual a profissão dos pais?

AB: meu pai é bancário e minha mãe é dona de casa.

T: o que seus pais falam da sua escolha?

AB: meu pai me dá apoio no que eu quiser. Minha mãe, ah ela acha legal (...) risos. É que a minha mãe se fizesse vestibular faria psicologia. Ela acha que medicina e psicologia tem coisa a ver.

T: e quando seu irmão fala da advocacia você gosta?

AB: é, acho legal. A única coisa que tenho certeza é que não quero um trabalho isolado, quero que envolva pessoas, não gosto de ficar sozinha. Acho legal ajudar pessoas, com drogas, álcool.

T: ajudar em que sentido? Porque você pode ajudar no físico, na doença, com enfermagem, medicina (...) ou no emocional, com psicologia, terapia ocupacional.

AB: ajudar em conversar, em dar carinho, de atender.

T: mas específico pessoas usuárias de álcool e drogas? Ou pessoas de modo geral?

AB: ah, pessoas de modo geral, mas acho legal trabalhar com essas pessoas.

T: quando sua mãe fala da psicologia, lhe passa em mente fazer psicologia?

AB: eu penso em psicologia.

T: como é esse pensar?

AB: é porque é assim, minha irmã é psicóloga, mas me fala de um modo muito científico, e eu não entendo o que é psicologia.

T: o que ela faz?

AB: ela trabalha na APAE da cidade onde mora.

T: ela não mora com vocês? Você não mora com seus pais?

AB: não. Eu moro com meu irmão que é advogado e é casado. Meus pais moram em Urubici. E minha irmã mora em Urubici e trabalha lá. Tenho um outro irmão que mora aqui

em Floripa também, mas mora com os amigos perto da universidade. Ele faz agronomia. Tenho um outro irmão que faz segundo grau em Urubici e acho que vai fazer agronomia.

T: como foram as escolhas de seus irmãos?

AB: acho que eles sabiam o que queriam, eles gostam muito do que fazem. Ah, o Demétrio tentou para engenharia elétrica três vezes, depois viu que não era isso que queria.

T: e a escolha do Rodrigo?

AB: ele fez vestibular para medicina e falou que se passasse era bom. Mas era só para preencher o cartão do vestibular. Depois ele começou a estudar mais e se encaixou na agronomia, nós temos um sítio.

T: hum (...) e vocês vão bastante para esse sítio?

AB: sim, meu pai sempre gostou do sítio.

T: e o mais novo está pensando em fazer agronomia também?

AB: mas ele não sabe se quer agronomia ou veterinária. Ele não gosta muito de estudar, já reprovou dois anos, ele gosta mesmo de animais.

T: e os pais são aposentados? Ou trabalham ainda?

AB: meu pai é aposentado pelo Besc e abriu uma cooperativa de crédito rural.

T: ah (...)

AB: e minha mãe foi professora na fucabem, depois foi orientadora.

T: e eles têm curso superior?

AB: não.

T: e a sua relação com eles?

AB: o meu pai é bem fechado, mas converso normal, não somos muitos amigos. E com minha mãe sou bem próxima, converso bastante com ela.

T: e as escolhas o que mais pensou?

AB: ah, cada dia eu penso em uma coisa. História, farmácia, tudo que seja relacionado a saúde e humanas. Penso em história pela cultura, acho legal saber a cultura para ser professora.

T: e a sua mãe, você falou do seu pai era mais fechado, e a sua mãe?

AB: nós conversamos muito sobre tudo. Minha mãe gosta muito de conversar com as pessoas, aconselha pessoas, fala um monte de coisas, acho que ela é alta psicóloga. Ela ajuda a Lara.

T: e você acha que o fato da Lara fazer psicologia e os seus irmãos irem para a área da agronomia, tem algo a ver com seus pais? Você percebe alguma relação?

AB: silêncio. A Lara, acho que por causa da mãe. E os irmãos eu não sei (...) porque meu pai não é tão fanático assim pelo sítio, ele ia mais para descansar. Talvez pelo fato de irem sempre tiveram esse contato.

T: e seu pai trabalha na cooperativa, mas ligado a crédito rural, ligado ao campo, sítio, parece que tem um pouco disso (...). Parece que a Lara se identifica com a mãe, os dois irmãos com o seu pai e o outro irmão mais velho?

AB: acho que ele puxa meu avô (pai do pai) ele era político, correto, justo, ambicioso, queria conquistar muitas coisas. Falava bem em público, lia muito, muito cultural.

T: talvez seu interesse pela história venha daí!? (Mas direito também não deixa de ser cuidado com as pessoas.)

AB: é pode ser, nunca pensei nisso.

T: e os avós? Fale mais.

AB: todos moravam em Urubici. Meu avô tinha fazenda (...) risos. Gado, cavalo, (...) risos. E a avó (da mãe) era dona de casa, mas foi professora no sítio. O avô do pai tocava oito

instrumentos musicais, gostava muito de ler, ele tinha a coleção inteira de uma revista científica, que quase ninguém lia, pois era difícil. **A avó era dona de casa.**

T: e você vai sempre para Urubici? Você fala sempre com sua mãe? Porque vão ter atividades que você vai ter que perguntar coisas para seus pais. Você acha que eles viriam para uma sessão?

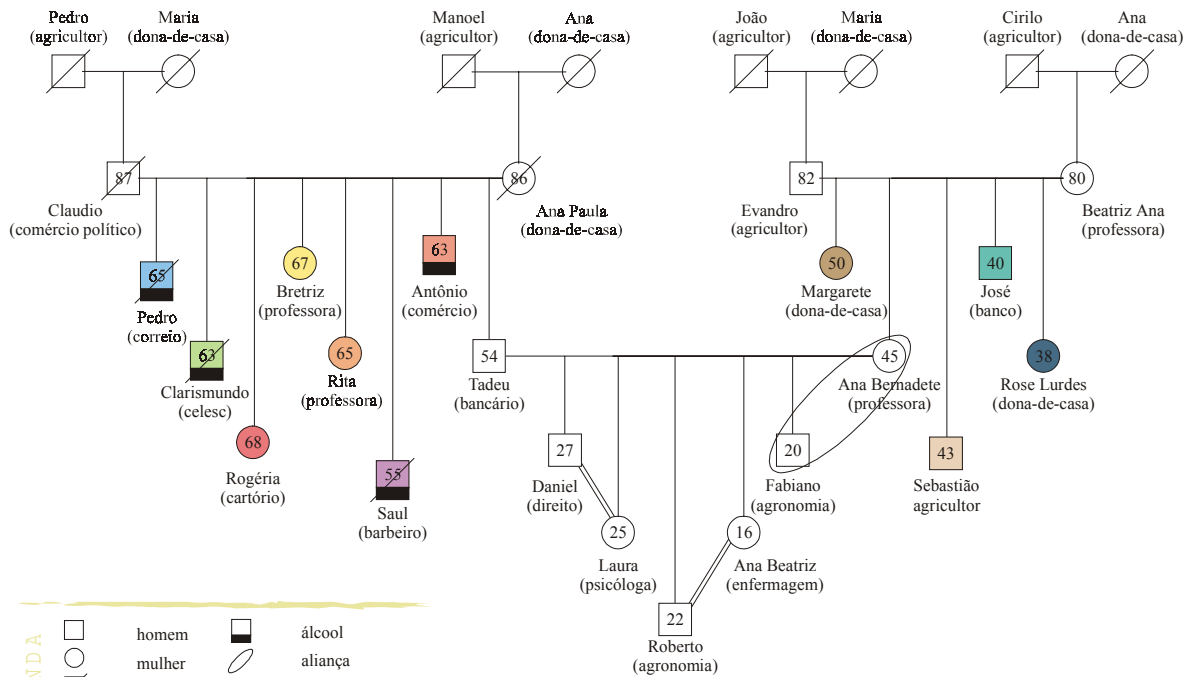
AB: **eu vou sempre pelo menos uma vez por mês, não fico longe da mãe.** Acho que eles viriam para a sessão. Meu pai vem algumas vezes para cá trabalhar.

T: hum hum. Você sabe alguma coisa do seu nome?

AB: risos. Ana, acho que é amada.

T: eu gostaria que você investigasse porque seus pais colocaram esse nome em você. Falo mais um pouco da influência da família e finalizo pedindo a tarefa dos nomes e explicando o porque.

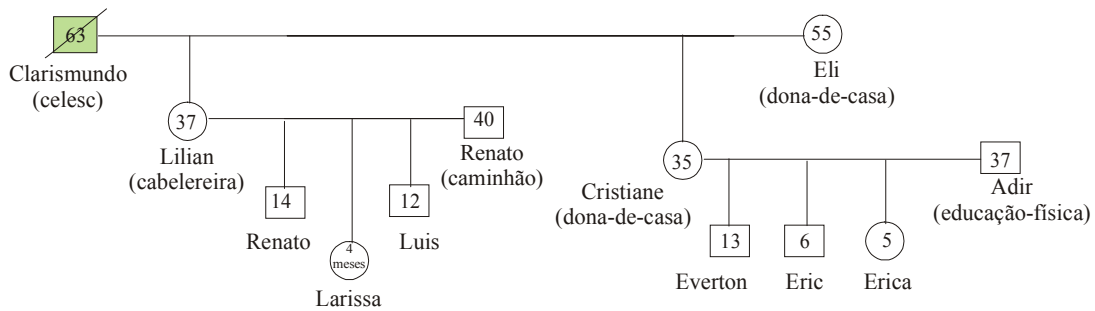
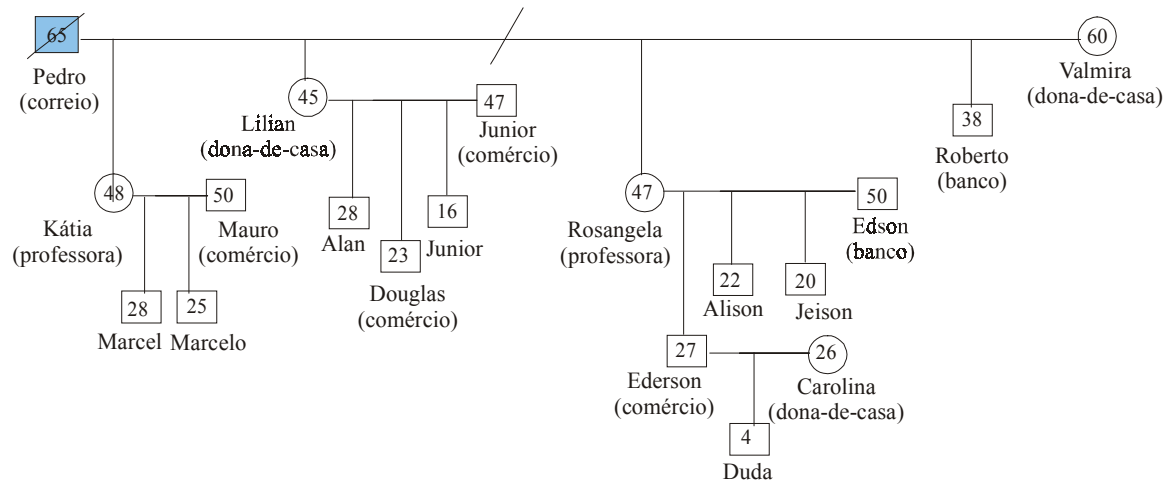
## **ANEXO IV**

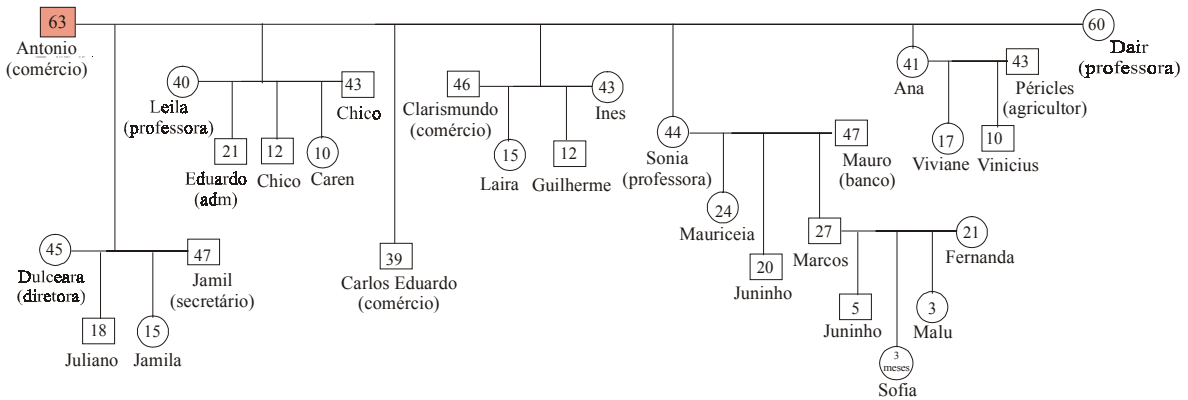
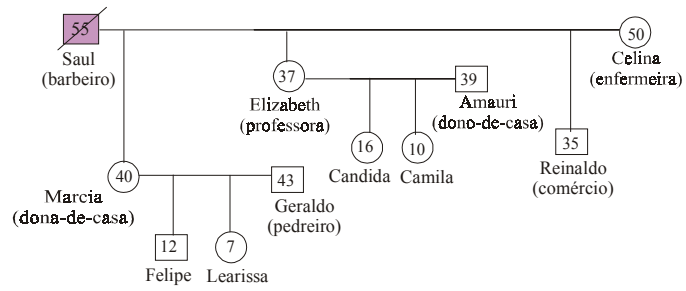
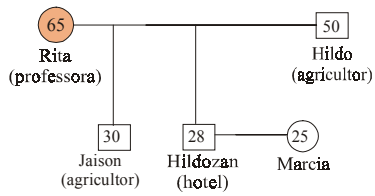
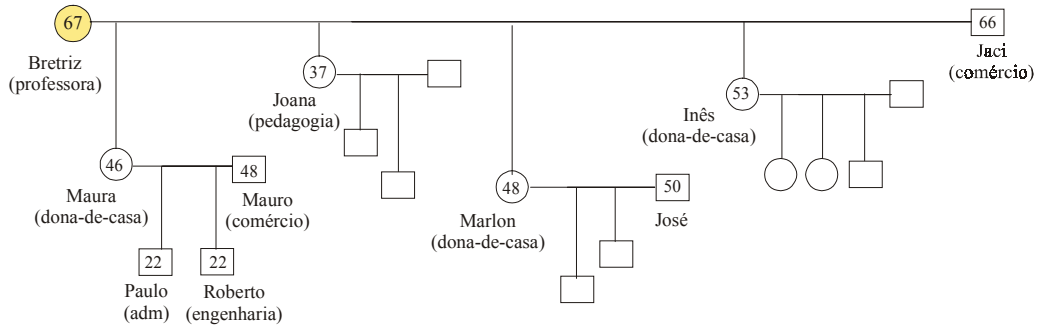
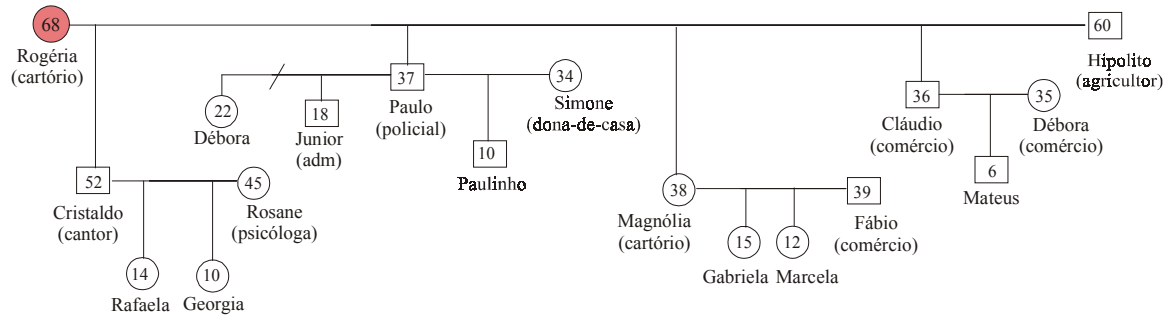


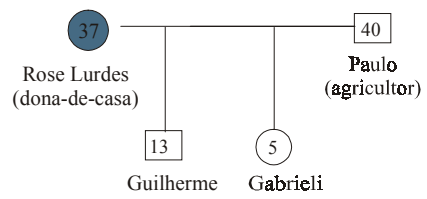
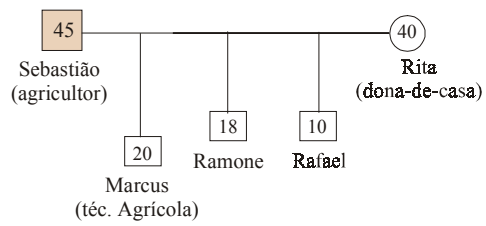
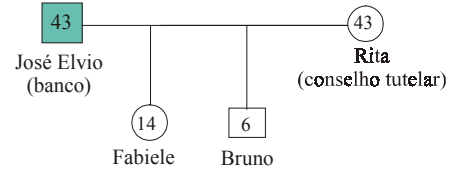
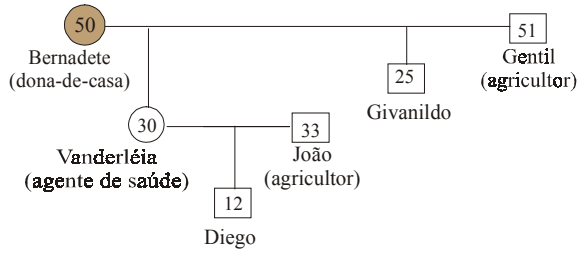
**LEGENDA**

□	homem	◻	álcool
○	mulher	◌	aliança
◻	falecido	≡	superenvolvimento
◌	falecida	◌◻	separação
20	o número refere-se à idade		









## ANEXO V

4ª e 5ª sessão

T: conte-me da sua família (...) da história de sua família.

AB: meus bisavôs (pais da minha avó materna) era Cirilo Manoel, ele era pecuarista, a maioria da família da minha mãe, era pecuarista, eram agricultores, trabalhavam com gado na agricultura, todos eles. Eles nasceram no sitio, casaram no sitio, moravam no sitio e (...) os irmãos do vô moram no sitio até hoje. Ela é Ana (risos) cheia de graça, dona de casa. E daí os irmãos da minha avó Beatriz Ana era Amenaide, Francisca, Caetano, Adélcia, Izelina, Ercílio, Maria Cândida, João Maria, Benoni, Pureza, Cezário. Todos homens eram pecuaristas e as mulheres donas de casa. Agora, meus outros bisavós (pais do meu avô materno) João era agricultor e ela Maria, dona de casa. O vô então é o Evandro, agricultor.

T: tinham bastante filhos também?

AB: não, eram Carlota, Cristóvão, Getulio, Antônio. Maria, Iracema, todos agricultores e donas de casa. A minha vó, o meu vô contaram que não é fácil, não tinha luz, tinham que fazer vela com sebo, não tinha banho quente, tinham que plantar, não tinham nada. Os vizinhos mais próximos eram 3/4 km. Aí ela conheceu meu avô na roça, casaram cedo e foram embora para Santa Bárbara e ficaram lá até os filhos entrarem em idade escolar. Depois foram embora para Urubici e viveram lá até hoje. Meu avô vendeu algumas terras lá e daí comprou mais perto, porque não precisava se locomover muito. Aí continuou plantando, criando gados. Ele não para, está velhinho, mas ainda continua. Daí minha avó fica em casa. Assim, costura, borda (...) faz doce, como ela fazia antes, não mudaram o jeito de viver. A vó tem 64 e o vô 71.

T: são novos!

AB: é. Daí é isso (...). A irmã da minha mãe é **Margarete ela é dona de casa**, casada com **Gentil que é agricultor**. Aí a **Ana Bernadete, minha mãe que é professora**, meu pai que é **bancário**.

T: então a Beatriz Ana e o Evandro tiveram quantos filhos?

AB: 5. Margarete, Ana Bernadete, Sebastião, José Elvio e depois Rose Lurdes. **Todos são casados com filhos e nenhum perdeu o contato com a fazenda**. A margarete, o Sebastião e a Rose Lurdes tem sítio, plantam. **O José Elvio é bancário** também e a mãe que não gosta muito do sítio.

T: todos os tios estão (...)

AB: **é todos são ligados a fazenda, rodeio, cavalo, vaca (...)**

T: só a sua mãe saiu de lá?

AB: é ela se casou com meu pai e **como o meu pai, trabalhava em banco**, sempre foi transferido. Já moramos em Bom Retiro, Embuia, São Joaquim, Bom Jardim, Urubici. Tudo pertinho. Daí dos meus primos que são casados, eu só tenho a **Vanderleia (filha da margarete), que é agente de saúde**, casada com **João que trabalha na secretaria da agricultura**. E eles tem o Diego, que é pequeno. **Todos os meus primos que você pergunta o que quer fazer é tudo ligado ao campo, mesmo eles não entendendo muito das profissões**. Mas é que eles preferem, eles continuam em cidade pequena e é o que eles gostam. **Daí minha mãe tem o Daniel que é advogado**, casado com a Day que estuda direito. **A Laura que é psicóloga**, o Roberto que estuda agronomia, o Fabiano que está no ensino médio e **não sabe se quer agronomia ou veterinária**. E eu que acho que sou a mais perdida. O outro irmão da minha mãe, que teve o **Marcus, que é técnico agrícola**. A Ramone que não sabe o que quer, é muito tímida, e (...).

T: essa sua prima é filha de quem?

AB: do tio Sebastião casado com a Rita. E daí eles também tem o Rafael que é bem novinho. Daí tem o outro tio, o José Elvio, que tem a Fabiele e o Bruno, os dois estão no ensino fundamental ainda. E a outra tia é a Rose Lurdes, ela tem o Guilherme e a Gabrieli, que também são novinhos. Essa é a família da minha mãe.

T: não é uma família muito grande (...)

AB: **Aí, meus bisavós (pais da minha avó paterna) eram Manoel, agricultor e Ana, dona de casa. Daí nasceu minha avó paterna Ana Paula (dona de casa),** seus irmãos meu pai não sabia dizer, porque eles morreram cedo e a história se perdeu. **E meus bisavós (pais do avô paterno) Pedro e Maria, eram fazendeiros, trabalhavam no plantio e criavam gado.** E meu avô paterno, Cláudio, seus irmãos eram José, Martin, Urge, Nico.

T: os avós paternos são então Ana Paula e Cláudio. Quem já é falecido?

AB: todos meus bisavós e meus avós paternos.

T: você conheceu a Ana Paula?

AB: eu conheci, ela faleceu quando eu tinha seis anos.

T: **e as separações? Não tem na família?**

AB: **tem algumas na família do pai, os irmãos dele.** O tio Pedro casado com a Valquiria, trabalhava no correio, tinham uma vida muito boa, mas aí ele começou a beber, e tornou-se um alcoólatra e daí se separaram.

T: E os filhos?

AB: tinham a Kátia, a Lílian, a Rosangela e o Roberto. Aí eles tiveram filhos, depois sumiu, tornou-se um andarilho e depois voltou e morreu. Aí tem o tio Claudinho (Cláudio) que casou com a tia Eli. Ele também tornou-se um alcoólatra, mas a tia não se separou dele. Mas ele morreu de cirrose. **O tio Claudinho trabalhava na Celesc e a tia Eli é dona de casa.**

Suas filhas são Lílian e Cristiane. A Lílian é cabelereira casada com Renato, caminhoneiro.

E a Cristiane é empregada doméstica casada com o Adir, professor de Educação Física.

T: Você não sabia se o seu avô bebia?

AB: sei, eu perguntei para a mãe. Minha mãe disse que não tinha bebida dentro de casa.

Que ele não gostava. Minha mãe conta que ele dava uma educação muito rígida, com os filhos, ele levava tudo ao pé da letra, fazia eles estudarem, ou que dessem o melhor de si.

Mas a mãe conta, assim, que nunca os proibiu de sair, de fazer festa, que eles tinham as responsabilidades, mais também tinham o lazer.

T: eles também sobreviviam da agricultura?

AB: não, meu avô tinha uma relojoaria, consertava relógios, tocava oito instrumentos musicais, tinha música, coral, todos os meus tios cantam muito bem (...).

Os tios Pedro, Claudinho e Saul, que morreram da bebida. O tio Saul, ele era casado com a tia Celina, que era enfermeira e ele era Barbeiro. Seus filhos são Márcia (dona de casa) casada com

Geraldo (pedreiro) que tem o Felipe e a Learissa. A Elisabete casada com o Amauri, que tem a Cândida e a Camila. E o outro filho o Reinaldo. Agora o tio Antonio, que também bebia, mas não morreu da bebida, saiu da bebida.

T: nossa! Todos os homens se envolveram com bebida! E seu pai?

AB: não, meu pai nunca bebeu. Porque ele é o mais novo, acho que viu todo o sofrimento.

T: e as mulheres?

AB: não. O tio Antonio é casado com a Dair. Que tem a Dulceara, que trabalha em escola, gosta de ajudar as pessoas, a família inteira tem a coisa da ajuda, é casada com Jamil. A

Leila casada com o Chico. Aí o Carlos que não casou. O Cláudio casado com a Inês. A Sônia casada com o Mauro. E uma que eu esqueci, a tia Ana, casada com o Péricles.

T: as mulheres agora.

AB: a tia Rogéria casada com Hipólito, que é muito chata, muito metida. A tia Bretriz casada com Jaci e a tia Rita casada com o Hildo, ela é bem querida. Assim, acho que a **minha família é bem unida estamos sempre fazendo festa, aí vão todos.**

T: e a da mãe?

AB: é, acho que mais ainda, natal, ano novo, páscoa (...)

T: lê então sua história de vida.

AB: lê.

T: ok. **Você falou que a sua mãe é aquela pessoa que adora conversar com as pessoas (...)**

AB: é!

AB: **a minha avó também. Assim, ela é bem comunicativa, ela conversa um monte. Só que aquele negócio, não sei se as pessoas não ligam, porque quando a gente pergunta, como você está? Ela nunca está bem, quando você vai na casa dela, ela pode falar de tudo, mas ela sempre acaba falando de doença, de que alguém morreu (...)**

T: e não tem nenhum médico na família?

AB: não. De certo ela queria ser médica (...) coitada! E o meu avô assim, ele é bem calmo, você olha para ele e não diz a idade, parece ser bem novo, bem forte, bem grandão, bem alto, continua trabalhando e às vezes até faz arte, sai sozinho para o campo, é perigoso (...) ele é bem saudável, nunca está doente.

T: você já pensou que se fizer medicina, você vai cuidar da vó? (risos)

AB: (risos) mas, aí eu vou ser pediatra (...)

T: ah! Para não ter que cuidar da vó (...)

AB: (risos) não, porque eu adoro crianças.

T: e como você pensa na medicina, se você não agüenta sua vó falando de doença (...) você vai passar seu dia inteiro ouvindo as pessoas falarem de doença.



AB: reclamando

T: reclamando

AB: sei lá (...) ah, mas é porque a vó é sempre a mesma coisa e as vezes perco a paciência, a mãe fica braba comigo, mas é que às vezes eu falo: “ai vó! Só fica achando doença” mas é que eu não queria que ela fosse assim, cheia de doenças (...) achando doenças.

T: e você pensou alguma coisa nesse tempo longe?

AB: ah, cada semana eu pensava alguma coisa, sei lá (...) pensei em ser delegada de polícia (...) mas é que eu gosto de muita coisa, estou bem perdida. Estou até passando as noites em claro, com alergias.

T: na sessão passada, falamos de medicina, da psicologia, da veterinária (...)

AB: **naturopatia, também acho legal.** Não sei (...) o que você acha?

T: eu??? Não posso te dar o teu caminho (...) só lhe orientar, mas você deve começar a perceber a sua área (...) humanas, saúde, contato com as pessoas (...)

AB: mas quantas profissões tem nessa área?

T: tem bastante, mas aí, você elimina umas tantas. E as artes?

AB: acho que é tudo muito exato (...) cálculo (..) **é um hobby, cantar, dançar** (...) Ah, não sei vou fazer um curso de manicure no senac (...) risos

T: hum, hum. Vamos começar a informação, você vai conhecer as profissões.

## ANEXO VI

T: então ta, vamos tentar se imaginar nas profissões. Agora você já é profissional ou estudante do curso que você escolheu e eu estou fazendo uma entrevista com você. Você tem que me responder como se você já fosse essa pessoa. Você entende?

AB: hum, hum.

T: então, qual profissional você é?

AB: sou estudante de enfermagem.

T: quantos anos você tem?

AC: 19.

T: em que fase você está?

AC: quarta.

T: como está o curso?

AB: o curso está bem legal. Porque foi na quarta fase que eu comecei a trabalhar no hospital, **ter mais contato com as pessoas. Primeiro, era mais teórico, não tinha tanta ligação, com a profissão que vou exercer. E agora eu já trabalho nos hospitais, ajudo os médicos nas cirurgias, dou banho nos pacientes, medico faço injeção, soro, vejo os sinais vitais, curativo, essa coisa (...).**

T: você está gostando?

AB: to.

T: você não se decepcionou com alguma coisa no curso, era o que você esperava?

AB: acho assim, que nem sempre o curso vai ser perfeito, qualquer curso, tem as coisas que eu gosto, e algumas coisas não são bem como a gente espera porque é diferente, escola

pública (...) você sabe, não tem materiais, o governo não ajuda a gente nos laboratórios.

Mas a gente faz o melhor que pode para aprender, para ser uma boa profissional.

T: quanto a sua atuação, você está gostando? Lá no hospital?

AB: to.Eu não ligo de fazer plantão no final de semana.

T: você já conseguiu definir uma área para trabalhar?

AB: área infantil.

T: esse estágio você ainda não está fazendo?

AB: não.

T: então você se imagina trabalhando com crianças?

AB: com crianças. Crianças que tem o vírus da AIDS, que tem câncer, crianças assim.

Porque ser enfermeira tem mais o lado emocional, porque essas crianças são especiais, e trabalhar com crianças é sempre diferente, né?

T: e como foi sua escolha?

AB: foi difícil (...) risos

T: foi? Porque?

AB: eu não tinha nenhuma idéia do que eu queria, aí eu comecei a fazer uma orientação profissional e foi criando caminhos, aí eu fui vendo que era na área da saúde que eu me encaixava melhor, ligado mais na área humanas, que tivessem pessoas envolvidas, sentimentos, aí fui por eliminatória, de todas que eu mais gostava era psicologia, medicina, enfermagem e naturologia, que fui eliminando, fui me imaginando e pelo fato da enfermagem ser mais fácil escolhi enfermagem.

T: e hoje, você não sente falta da medicina?

AB: não sei, não sei (...)

T: se você pudesse trocar de curso, você trocaria? Se eu conseguisse uma transferência interna?

AB: não sei.

T: porque você não sabe?

AB: porque eu não sei como seria medicina, porque eu gosto de enfermagem. Então não sei.

T: esse lance de estar cuidando diretamente dos pacientes é que lhe atraiu?

AB: sim é isso que me atraiu. Assim, o contato mais humano.

T: você não acha isso pesado?

AB: pesado, acho que vai ser, não vou ter muito horário, por causa dos finais de semana, plantão, horas em cirurgia (...) mas quando a gente gosta das coisas, não se importa, está fazendo porque gosta.

T: você está realizada?

AB: por enquanto estou.

T: você está morando com seu irmão? Ta namorando? Ta casada?

AB: casada não, moro com meu irmão, estou namorando.

T: e os teus pais estão felizes com sua escolha?

AB: toda minha família está feliz, porque eles estão vendo que eu estou realizada.

T: e o curso de naturologia?

AB: eu não abandonei, mas como enfermagem é integral não tenho condições de fazer, até para trabalhar junto com massagens. Mas talvez depois que eu termine a enfermagem, tenha um emprego e dê para conciliar.

T: o que você falaria para alguém que está pensando em fazer enfermagem?

AB: eu falaria para fazer, se fosse uma pessoa que gostasse do contato humano, eu acho que é uma profissão muito humana, você se envolve totalmente na vida. Eu imagino eu cuidando do paciente, dando banho, faz tudo que o paciente não pode fazer, faz tudo por ele, então você é fundamental na vida dele, no momento em que ele está ali no hospital. E é isso que eu quero, ser importante para alguém, ajudar alguém, eu quero significar alguma coisa.

T: hum (...) cuidar.

AB: cuidar, ajudar.

T: então se a pessoa quer tudo isso tem que fazer.

AB: sim, se quer ajudar as pessoas tem que fazer.

T: então se você pudesse voltar atrás você não mudaria de curso?

AB: não mudaria.

T: e como você se imagina no futuro, daqui a algum tempo? Você se imagina trabalhando somente em hospital?

AB: eu me imagino trabalhando em hospital, aqui mesmo em Floripa.

T: só em hospital?

AB: só em hospital, eu quero mais agito. Atender em casa é muito monótono. Eu quero bastante gente.

T: então você está feliz?

AB: estou feliz.

T: agora, você quer fazer de outra profissão?

AB: nossa, eu acho que enfermagem é muito legal, eu tenho uma amiga e pelo que ela estava falando, é muito mais contato que o médico. O enfermeiro faz praticamente tudo.

T: se você quer aquele contato paciente, troca de curativo, banho, medicamento (...) com certeza é enfermagem. Agora, se você quer consultório, diagnóstico, cirurgia, aí é medicina.

AB: **é eu também gosto da parte mais de diagnóstico, mas eu acho que entre diagnosticar e medicar uma doença e ajudar a curar essa doença, com contato, eu prefiro o contato.** Por enquanto, depois se eu mudar de idéia (...)

T: Se você pudesse montar uma família que profissão você daria ao pai, que profissão você daria a mãe e aos filhos?

AB: A minha família?

T: não, não a sua.

AB: quando eu casar?

T: não, vamos criar uma família, na fantasia.

AB: deixa eu ver. Uma família ideal (...) Eu acho que mãe tem cara de psicóloga, o pai tem cara de advogado. O filho tem cara de engenharia mecânica, o outro tem cara de medicina e a menina tem cara de enfermagem.

T: a menina é a mais nova?

AB: é, a menina é mais nova.

T: E o filho da medicina, o do meio?

AB: não, o mais velho. E o da engenharia o do meio. Porquê?

T: vamos ver os sonhos, os desejos. E porque você colocou o menino mais velho na medicina? E a menina na enfermagem?

AB: porque acho que a menina tem cara de enfermeira, a menina que eu imaginei tinha cara de enfermeira. E o menino tinha cara de médico, de óculos, bem CDF. (risos)

T: risos. Você acha que você não tem cara de médica, porque não usa óculos, nem é CDF?

AB: risos (...). Não, eu não acho que eu tenho cara de médica.

T: porquê?

AB: sei lá!

T: qual o seu rótulo da medicina?

AB: sei lá (...) imagino médico, sei lá (...). Tem que estudar muito, eu não tenho cara de médico. Estudar muito, eu não gosto de estudar muito.

T: é, acho que enfermagem tem mais a coisa do cuidar.

AB: é, **isso mesmo. Assim, é mais ligada a ajudar, é mais contato. Assim, fazendo uma comparação, o médico é o pai, aquele que orienta e o enfermeiro é o irmão, aquele que está junto, que ajuda. Lembra quando nós conversamos sobre o lance do cuidado e ajuda na minha família?**

T: hum, hum.

AB: **então é isso! Enfermagem é mais contato, é mais ajuda, é mais cuidado.**

T: hum (...) gostaria que você escrevesse uma cartinha falando como você está, como foi o processo, como você chegou, como foi o tempo aqui e como você está agora depois do processo.

AB: eu estou bem feliz, porque saiu um peso das minhas costas, antes tudo dava errado, minha menstruação estava irregular, estava cheia de alergias e nem conseguia estudar, porque não sabia pra quê. Agora sei, estou mais calma.

## APRESENTAÇÃO

*O homem é suas escolhas (J. P. Sartre)*

Qualquer trabalho desenvolvido fala muito do seu autor, este não podia ser diferente. Venho trabalhando em consultório há, aproximadamente, quatro anos, atuando em Orientação Profissional e Terapia Familiar Sistêmica, a partir de especializações e cursos realizados nessas duas áreas. A proposta deste trabalho foi, então, relacionar algumas questões familiares no processo de orientação profissional.

A concepção sistêmica é vista como uma visão da realidade que se baseia no estado de inter-relação e interdependência de todos os fenômenos físicos, biológicos, psicológicos, sociais e culturais. A visão sistêmica vai situar o mundo em termos de relações e integração, qualquer organismo é um sistema, uma ordem dinâmica de partes e processos em mútua interação. Por este motivo seu estudo é dirigido à família, ao casal e tudo que faz parte de seu contexto.

A Terapia Familiar Sistêmica “caiu meio de pára-quedas em minha vida”. Durante a faculdade; como qualquer aluno; conheci e estudei as teorias da psicologia e com o passar do tempo, me interessei pela terapia corporal, por parecer ser uma teoria mais “aberta” e pela proposta de trabalhar com o indivíduo integrado, totalizado, mente-corpo. Mas faltava algo: talvez estudo, leitura ou talvez precisasse de algo mais. Neste meio tempo, iniciei uma psicoterapia pessoal – claro todo terapeuta tem que fazer terapia, mas não era só isso, havia desejo e motivação própria. A princípio procurei psicoterapeutas corporais. No entanto, recebi uma indicação, diversa desta abordagem e resolvi conhecê-la, afinal as referências



eram boas. Como em toda primeira sessão me senti nervosa, ansiosa e cheia de expectativas. Lembro de cada palavra, da sala, das atividades realizadas. Houve empatia com a terapeuta, com seu trabalho e com seu profissionalismo. Desde esse primeiro instante nunca mais cortei o vínculo e cada vez mais admiro seu trabalho, porque esta brilhante terapeuta fez com que eu conhecesse, sentisse, gostasse e aprendesse a Terapia Sistêmica, muito mais que os livros podem ensinar. E o caminho após sair da faculdade, só poderia ser buscar uma especialização em Terapia Familiar Sistêmica, onde o aprendizado foi sedimentado, agregado com tudo que já estava interiorizado através da psicoterapia. Foi então, na especialização, quando estudei família de origem, os mitos familiares, árvore genealógica, que percebi a interferência e a importância destes na formação do indivíduo (como um ser que pertence a uma família e como um ser separado da mesma).

Quanto à orientação profissional, pode-se dizer que também esteve presente neste caminho. Na faculdade, no último ano, realizei estágio nas três grandes áreas da psicologia: organizacional, clínica e escolar. Já havia decidido em atuar na área clínica, com estágio em Terapia Corporal, já que não havia Terapia Sistêmica na faculdade. Na área organizacional, tinha um forte desejo de trabalhar em hospital. E na área escolar, o que fazer? Esta era uma grande dúvida, pois não tive interesse em trabalhar nesta área. Foi então que surgiu uma proposta por parte de uma escola e aceitei. Conheci o trabalho do psicólogo da escola – outro grande mestre em minha vida – e achei bastante interessante. Quando percebi já estava interessada neste trabalho – realizei grupos de orientação profissional, escrevi o Guia de Profissões de Santa Catarina, criei um jogo das profissões– daí pra frente nunca mais parei de trabalhar com Orientação Profissional e Terapia Familiar Sistêmica.

Diante disso, senti necessidade de integrá-las, de incluir questões familiares e sistêmicas no processo de orientação profissional, uma vez que, na grande maioria das

vezes, a orientação profissional, da maneira como é realizada, se restringe a um conjunto de técnicas de autoconhecimento e informação profissional. Não questiona as particularidades de cada indivíduo, nem se aprofunda nas questões pessoais e familiares, fato gerador de insatisfação pessoal.

Alia-se então, duas grandes paixões – a Terapia Familiar Sistêmica e Orientação Profissional – desenvolvendo uma proposta de intervenção focada na escolha profissional, à luz de conceitos da Teoria Sistêmica. O grande desafio de integrar a experiência clínica, com toda sua riqueza de situações, à pesquisa acadêmica.

A partir destes questionamentos, que encontrei motivação para realizar este projeto, sustentada também na minha caminhada profissional, na Terapia Familiar Sistêmica e na Orientação Profissional. Essas experiências permitiram construir uma proposta de orientação profissional mais aprofundada. Pensar nesta proposta é ver que a decisão profissional entrelaça-se com todas as áreas de vida do indivíduo, seja a familiar, a social, a pessoal, a emocional. É entender o ser humano como um ser em inter-relação e integração, cujas decisões interferem umas nas outras. É pensar num ser sistêmico, integrado e totalizado.